



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
Coordenação de Ciências Humanas  
Centro de Pinheiro

DENILSON DOS SANTOS MARTINS LACERDA

**CAMPO SANTO DOS INOCENTES: ANÁLISE SOBRE A  
FORMAÇÃO DO CEMITÉRIO INFANTIL DO POVOADO  
MONTE PIO – PINHEIRO - MA**

Pinheiro

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
Coordenação de Ciências Humanas  
Centro de Pinheiro

DENILSON DOS SANTOS MARTINS LACERDA

**CAMPO-SANTO DOS INOCENTES: ANÁLISE SOBRE A  
FORMAÇÃO DO CEMITÉRIO INFANTIL DO POVOADO  
MONTE PIO – PINHEIRO – MA**

Monografia apresentada à Coordenação de Licenciatura em Ciências Humanas do Centro de Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas – Habilitação História.

Orientador: Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro

Pinheiro

2022

LACERDA, Denilson dos Santos Martins.

Campo-santo dos inocentes: análise sobre a formação do cemitério infantil do povoado Monte Pio – Pinheiro - MA / Denilson dos Santos Martins Lacerda. - 2022.  
65 p.

Orientador: Dimas dos Reis Ribeiro.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, 2022.

1. História. 2. Memória. 3. Cemitério Infantil. Mortuário. 5 Poder Público. I. Ribeiro, Dimas dos Reis. II. Título.

DENILSON DOS SANTOS MARTINS LACERDA

**CAMPO-SANTO DOS INOCENTES: ANÁLISE SOBRE A  
FORMAÇÃO DO CEMITÉRIO INFANTIL DO POVOADO  
MONTE PIO – PINHEIRO - MA**

Monografia apresentada à Coordenação de Licenciatura em Ciências Humanas do Centro de Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas – Habilitação História.

Aprovado em :    /    /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (Orientador)  
Doutor em Serviço Social  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dra Anne Caroline Nava Lopes  
Doutora em Ciências Sociais  
Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Me Cristiano Marinho Braga  
Mestre em Formação Docente e Práticas Educativas  
Colégio Santa Cruz, Unidade Carolina/MA

A Deus por ter me sustentado nas horas mais difíceis. A todos aqueles que fizeram parte desta trajetória, marcada por lutas, dificuldades e conquistas, família, amigos e companheiros de caminhada, que acreditaram no alcance do sucesso.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela dádiva da vida e por ser o nosso eterno alicerce.

A minha família, que me dar suporte, força e coragem em todas as etapas da realização deste sonho.

A minha joia mais valiosa, a quem Deus me permitiu amar incondicionalmente, minha filha, Alice França Lacerda, que sempre me deu motivos para não desistir.

A minha esposa e companheira Aryadne Jansen França Lacerda, que esteve presente em todos os momentos desta trajetória.

A minha mãe, Cecília Martins Lacerda, a quem tenho enorme admiração, por ser uma mulher de fibra, guerreira, honrada que ao longa da vida lutou por seus ideais e sempre me incentivou a crescer na vida e nunca desistir dos meus objetivos.

A todos os meus nove irmãos, que sempre acreditaram na minha vontade de estudar, em especial a Domingos da Paz Martins Martins Lacerda, Pedro Carlos Martins Lacerda e Nilton Cesar Martins Lacerda, por todo carinho e pelo incentivo de continuar esta jornada.

A todos os meus companheiros e colegas de turma que me acompanharam nesta importante etapa da vida e que me ajudaram direta e indiretamente durante todos estes anos de vida acadêmica.

Aos meus parceiros e amigos de turma, Walisson Marcelo, João José, Cláudio Ribeiro, José Carlos, Walber Soares, Edneyson Reis, Lukas David, Adriano Ribeiro, Marcelo Oliveira e Raimundo Canindé, que estiveram presente em todos os momentos desta jornada, compartilhando conhecimento e experiências para buscar a excelência na execução das atividades e tarefas propostas durante o processo de formação e principalmente pelos conselhos e encorajamento para que não houvesse desistência por parte de algum dos companheiros.

A todos os professores da UFMA, que estiveram conosco durante esse trajeto e contribuíram de alguma forma para tornar possível a construção deste trabalho

Ao meu orientador, professor Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, que com sua competência e disposição para ajudar em todas as circunstâncias o torna, além de um orientador, um exemplo de ser humano, pois sua participação foi essencial para que o trabalho fosse concluído.

A todos os comunitários entrevistados do povoado Monte Pio, que contribuíram com informações precisas acerca do cemitério infantil que há na comunidade, tornando possível a construção deste trabalho.

Porque morrer é uma ou outra destas duas coisas. Ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja. Ou, como se diz, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para outro.

Sócrates

## RESUMO

O presente trabalho busca debater as relações entre percepção sensorial, memórias atemporais e paisagem dentro do ambiente mortuário de Monte Pio mais conhecido como cemiterinho de Monte Pio da cidade de Pinheiro-Maranhão. Com base na arqueologia sensorial permitindo a ideia que as memórias fazem parte de uma relação comunicativa e dinâmica com nossa percepção do lugar. Tomamos como objeto da pesquisa a criação do cemiterinho de Monte Pio, percebemos que as performances ora executadas nesse ambiente mortuário são diferenciadas a partir dos aspectos sensoriais que a morfologia daquela paisagem nos dá, além dos eventos mortuários que alteram nossos encontros com essa materialidade nessa peculiar construção, a princípio, trazendo a luz para a existência de visibilidade histórica e o descaso do poder público acerca da manutenção deste espaço mortuário. Desse modo, as memórias e os conceitos quanto a morte podem ser também moldados e influenciados a partir das características sensoriais tornando assim, o cemitério de Monte Pio ou carinhosamente chamado de “*cemiterinho*” torna-se um lugar da memória, pois ali, naquele espaço funerário é um objeto de representação social e familiar, trazendo um significado de respeito e religiosidade como também o da mudança que se opera em todos nós diante da inflexibilidade da morte.

**Palavras-chave:** História. Memórias. Cemitério Infantil. Mortuário. Poder Público.

## ABSTRACT

The present work seeks to discuss the relations between sensory perception, time-timed memories and landscape within the mortuary environment of Monte Pio better known as the cemiterinho of Monte Pio of the city of Pinheiro-Maranhão. Based on sensory archaeology allowing the idea that memories are part of a communicative and dynamic relationship with our perception of the place. We take as the object of the research the creation of the cemiterinho of Monte Pio, we realize that the performances performed in this mortuary environment are differentiated from the sensory aspects that the morphology of that landscape gives us, in addition to the mortuary events that alter our encounters with this materiality in this peculiar construction, at first, bringing light to the existence of historical visibility and the lack of public power about the maintenance of this mortuary space. Thus, the memories and concepts about death can also be shaped and influenced from the sensory characteristics thus making the cemetery of Montepio or affectionately called "cemiterinho" becomes a place of memory, because there, in that funerary space is an object of social and family representation, bringing a meaning of respect and religiosity as well as that of change that operates in all of us before the inflexibility of death.

**Keywords:** History. Memories. Children's Cemetery. Mortuary. Public Power.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Coordenadas geográficas do povoado Monte Pio .....	48
Figura 2 - Estrada vicinal de acesso ao povoado Monte Pio .....	48
Figura 3 - Cemitério do povoado Monte Pio.....	49
Figura 4 – Maria da Luz Nogueira Câmara .....	51
Figura 5 – Árvore (castanheira) caída no cemitério.....	52
Figura 6 – Faustina Barros.....	54
Figura 7 – Maria Amélia.....	55
Figura 8 – Maria do Rosário Ribeiro.....	55
Figura 9 – Cemitério coberto por mato.....	56
Figura 10 – Cemitério coberto por mato.....	57
Figura 11 – Cemitério infantil de Monte Pio capinado (limpo).....	59
Figura 12 – Cemitério infantil tomado pelo mato.....	60

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 CEMITÉRIO NA ERA ANTIGA.....</b>	<b>17</b>
2.1 EVOLUÇÃO DOS CEMITÉRIOS.....	22
2.2 O MISTÉRIO DE MORRER.....	24
2.3 CULTO AOS MORTOS.....	27
<b>3 CONSTRUÇÃO DOS CEMITÉRIOS NO BRASIL.....</b>	<b>35</b>
3.1 DIFERENTES FORMAS DE SEPULTAMENTO.....	37
3.2 RITUAIS FÚNEBRES NO BRASIL.....	43
3.3 CEMITÉRIOS INFANTIS.....	46
3.3.1 Povoado Monte Pio e o cemitério infantil (cemitterinho).....	47
3.3.2 Reverências às crianças sepultadas no cemitério de Monte Pio.....	57
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o Campo-santo dos inocentes: análise sobre a formação do cemitério infantil do povoado Monte Pio – Pinheiro – MA. Desde os primórdios, é cultural dar destino aos restos mortais de seres vivos, devido ao forte odor que deixava por vários dias e até semanas. Povos do mundo inteiro já traziam essa cultura de a inumação a céu aberto. Motivo pelo qual era primeiramente o “respeito” pelos restos mortais do indivíduo, pois se deixados ao relento, os corpos poderiam ser consumidos por animais necrófagos, nesse contexto, é ainda considerado um ultraje em muitas culturas.

O sepultamento não necessariamente é só uma questão de saúde pública. Ao contrário do que imagina o senso comum, a Organização Mundial da Saúde - OMS prescreve a inumação obrigatória apenas de cadáveres portadores de alguma doença infecciosa. Onde também supervisiona a implementação do Regulamento Sanitário Internacional - RSI e também publica uma série de classificações médicas, incluindo a Classificação Estatística Internacional de Doenças (CID), a Classificação Internacional de Funcionalidade, a Incapacidade e Saúde (CIF) e a Classificação Internacional de Intervenções em Saúde (ICHI). A OMS publica regularmente um Relatório Mundial da Saúde, incluindo uma avaliação de especialistas sobre a saúde global. Então, percebe-se que o ato de enterrar e ocultar o corpo, segundo a OMS, é uma questão de saúde mundial. Para o indivíduo ou familiares, é uma forma de aliviar a dor da perda física do ente querido. Para que possamos compreender este assunto quase inexplorável, é necessário refletirmos acerca da evolução da concepção da morte que nortearam as práticas de enterramento desde os primórdios da humanidade. Segundo ROSA, 2003:15-16, Não se contesta que o enterramento no solo é o mais antigo modo funerário de sepultura. A inumação dos mortos era também a prática mais comum tanto entre os antigos romanos como os gregos, ao passo que a cremação só se verificava em circunstâncias especiais.

É a partir de uma determinada crença sobre a morte que justificará o destino que os vivos darão aos mortos. Só tendo como guia o imaginário da morte que compreenderemos às várias formas de enterramento na História humana. Onde os arqueólogos conhecem é com os Neandertais, uma vez que William Rendu, 2012 da Universidade de Nova York (EUA) publicou um artigo onde afirma que na caverna La Chapelle-aux-Saints apresenta evidências suficientes para presumir que realizavam sepultamentos intencionais e que os corpos encontrados foram cuidadosamente introduzidos nas cavernas e não mostra evidência nenhuma de hibernação por animais que eventualmente poderiam tê-lo matado dentro da caverna. Logo,

percebe-se que tal prática não é um processo contemporâneo, e sim, desde os primórdios de nossa espécie já tinham essa prática de sepultamento.

As inúmeras formas de sepultamento podem ser vistas como fecho ou um encerramento para a família e amigos do falecido, por acreditarem em diversas culturas sobre a “vida após a morte”. O sepultamento então é visto comumente como um passo necessário para que o morto alcance esta "nova etapa". Nesse contexto, o caráter monumental da "última morada" era para muitos, fruto de uma ansiedade de se auto afirmar socialmente. Em específico o cemitério infantil no povoado Monte Pio ou cemiterinho como o local é carinhosamente chamado pelos moradores da cidade de Pinheiro/MA é de fato, uma expressão do relacionamento do homem com a morte para a comunidade local, daí que tem sofrido essas variações ao longo da História até os dias de hoje, revelando, assim, sua cultura através de suas práticas funerárias, origem e evolução cronológica do cemitério em epígrafe.

O sepultamento tem um significado de suma importância, pois na perspectiva religiosa levava à preservação dos lugares considerados santos (campos-santos), e o cemitério passou a ser considerado um desses espaços. Isto se efetuou em face da fé dos cristãos, podendo ser identificada como elemento responsável pela mudança de comportamento de muitas pessoas em relação a prática de enterramento.

Enfatizaremos a este pequeno espaço de pura História no povoado Monte Pio, pois, a concretização desta pesquisa irá contribuir para a preservação desse local, visto que, todas as informações acerca da formação do cemitério podem cair no esquecimento, com incentivo à catalogação através de registros do local onde foi formado o cemitério é possível que este não seja desativado, pois sabemos que, o registro dos dados valoriza mais ainda no campo de estudo para a sociedade acadêmica. Visto que, ser enterrado próximo a esses túmulos para a comunidade local significava proteção para o momento do despertar, tendo esse pensamento fundamentado na crença de que os santos e em específico o campo-santo dos inocentes do povoado Monte Pio ou cemiterinho possuem lugar garantido no paraíso.

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa pretende analisar como os aspectos culturais ou religiosos influenciaram na formação do cemitério infantil do povoado Monte Pio, visto que, há inúmeras hipóteses que possam justificar a existência desse local de rituais fúnebres, bem como, os comunitários do povoado Monte Pio seguiram os costumes e tradições de seus ascendentes, a comunidade criou um cemitério exclusivo para crianças por conta de suas concepções religiosas, os moradores divergem em relação aos motivos que levaram o povoado a ter um cemitério infantil, as famílias do povoado Monte Pio sepultaram as crianças separadas dos adultos por acreditarem que estes são impuros.

Diante dessa ótica, o objetivo desta pesquisa é analisar os aspectos que motivaram os comunitários a criar um cemitério exclusivo para crianças, analisar os aspectos culturais e religiosos do Povoado Monte Pio, caracterizar a organização social dos moradores da comunidade, entender as mudanças que ocorreram na comunidade após a criação de um cemitério onde só há crianças sepultadas e descobrir se há crianças de outros povoados sepultadas no cemitério e identificar as ações que as famílias que sepultaram filhos no cemitério infantil desenvolvem para preservar o local. Nesse contexto, o trabalho ora exposto se apresenta como possibilidade de apreensão da realidade dessa comunidade em expressar uma reflexão a respeito de seus costumes, tradições, crenças, etc. Portanto, o presente trabalho de conclusão de curso caracteriza-se como processual, histórica e social, na medida em que se realiza dentro de circunstâncias culturais e sociais daquela comunidade.

O método de estudo utilizado na investigação desta pesquisa acerca do cemitério infantil do povoado Monte Pio consiste numa revisão bibliográfica visando o levantamento de informações através de entrevistas com os moradores locais acerca da construção do cemitério, reunir dados da pesquisa através de questionários aplicados acerca da problemática da construção do cemitério, realização de um levantamento de uma planta baixa da área funerária supracitada para representação gráfica e organização do espaço físico para obtenção de dados específicos sobre a quantidade real de túmulos existentes no local.

No processo investigativo, foi realizado um inventário sistemático dos túmulos do perímetro, para análise sobre alternativas de sepultamento disponíveis para a época, com o propósito de descobrir se a razão da escolha do local estava na representatividade destes túmulos do ponto de vista do acabamento enquanto arquitetura funerária. Para obter explicações objetivas e matemáticas dos dados dos obtidos, haverá uma coleta de todos os dados, que ao serem tabulados darão origem a informações sobre a dinâmica social, cultural e religiosa das famílias do povoado em estudo.

Para o desenvolvimento da pesquisa em epígrafe, foram considerados alguns requisitos. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, considera-se que por mais abrangente que possa ser, ela (a pesquisa), passa a ter um recorte temporal, espacial e teórico constituindo-se de fundamental importância para o trabalho ora desenvolvido. Nesse contexto, tem como principal objetivo interpretar o fenômeno que se observa o objeto, nesse caso, o cemitério de Monte Pio ou “*cemiterinho*” da cidade de Pinheiro-MA. Nesse contexto, a pesquisa qualitativa desse trabalho de conclusão de curso tem como objetivos a observação, a descrição e a compreensão dos significados que o cemitério infantil tem para a comunidade de Monte Pio.

Em suma, as características da pesquisa qualitativa deste trabalho foram de se utilizar do ambiente natural do cemitério infantil de Monte Pio como fonte direta para a coleta de dados, tendo o pesquisador um instrumento fundamental para tal coleta buscando compreender o significado que os acontecimentos têm para pessoas daquela comunidade, em situações particulares, enfatizando-se a importância da interação simbólica e da cultura para a compreensão do todo.

Desse modo, a pesquisa em questão está organizada em dois capítulos, onde no primeiro capítulo, para que possamos entender melhor a História dos cemitérios, se faz necessário refletir sobre a evolução da concepção da morte que nortearam as práticas de enterramento desde os primórdios da humanidade. Partindo da premissa de uma determinada crença sobre a morte que justificará o destino que os vivos darão aos mortos. Só tendo como guia o imaginário da morte que compreenderemos as várias formas de enterramento na História humana, enquanto no segundo capítulo abordaremos acerca da construção de cemitérios no Brasil desde a colonização até os dias atuais.

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso é destacar a História do cemitério do povoado Monte Pio e sua relação com a História da cidade de Pinheiro-MA, a História da Arquitetura e suas diversas manifestações na cidade enfatizando arquitetura tumular do “*cemiterinho*”, bem como as diversas manifestações dos modelos e estilos arquitetônicos e estilísticos que se cristalizam na construção tumular do local supracitado, os túmulos devocionais e os espaços de peregrinação e manifestação religiosa, os túmulos que guardam ou ocultam Histórias de personagens que viveram no povoado, os relatos antropológicos que exaltam o mágico, as crenças e o misterioso devocional envolvidos no cemitério do povoado Monte Pio e seus habitantes, analisando a experiência educativa e cultural e entendimento das práticas de enterramento que se realiza no cemitério de Monte Pio ou “*cemiterinho*” como é chamado pelos moradores do povoado em epígrafe localizado na cidade de Pinheiro-MA, bem como identificar como essas ações se traduzem e contribuem para a compreensão de questões que se relacionam com a memória, a memória social e a memória coletiva, bem como de identidade e pertencimento.

## 2 CEMITÉRIOS NA ERA ANTIGA

Para que possamos entender a História dos cemitérios, faz-se necessário refletirmos acerca da evolução da concepção da morte que nortearam as práticas de enterramento desde os primórdios da humanidade. Partindo da premissa de uma determinada crença sobre a morte que justificará o destino que os vivos darão aos mortos. Nesse contexto, tendo como guia o imaginário da morte que compreenderemos as várias formas de enterramento na História humana. Desde o princípio dos tempos, é cultural dar destino aos restos mortais de seres vivos, em primeiro plano o *enterramento*<sup>1</sup>, por conta do odor forte que deixava por vários dias e até semanas. Civilizações do mundo inteiro já traziam essa cultura de inumação a céu aberto. Motivo qual era primeiramente o “respeito” pelos restos mortais do indivíduo, pois se deixados ao relento, os corpos poderiam ser consumidos por animais necrófagos, nesse contexto, é ainda considerado um ultraje em muitas culturas.

Nesse contexto, o enterramento é uma prática onde não se tem um local específico para colocar os restos mortais enquanto que o sepultamento passa a ser um local específico para guardar os restos mortais de seres vivos. Observação essa feita para diferenciar o enterramento de sepultamento.

Segundo a Organização Mundial de Saúde-OMS, nos tempos atuais os problemas ambientais urbanos e a qualidade de vida do indivíduo se correlacionam, visto que a urbanização é um fato que traz problemas que afetam a vida da população. Hoje já se sabe que qualquer alteração no ambiente, reflete numa cadeia de consequências. Alterações essas que influenciam na qualidade do meio urbano e que, por conseguinte na qualidade de vida das pessoas. Neste contexto, os cemitérios podem ser uma fonte geradora de impactos ambientais, podendo haver a *contaminação*<sup>2</sup> tanto de águas subterrâneas como de águas superficiais bem como dos solos.

Esta contaminação é ocasionada pela infiltração das águas pluviais, como um agente de transporte, que em contato com os líquidos da decomposição dos cadáveres, contaminam os aquíferos. Assim não há como, modernamente, a implantação de um cemitério não requerer todo um estudo do impacto ambiental o que faz com que se desaconselhe a implantação ou manutenção de cemitérios próximos as aglomerações urbanas.

---

<sup>1</sup> Enterramento: Ato de enterrar algo ou alguém. Colocar abaixo do chão e jogar terra por cima;

<sup>2</sup> A contaminação das águas subterrâneas ocorre através da percolação de águas pluviais e outros líquidos gerados pela própria degradação dos resíduos, que por infiltração no solo atingem o nível d'água. O líquido derivado desse processo de percolação (ação de fazer com que um líquido seja purificado por um filtro) através dos resíduos é denominado de chorume. Assim podendo se denominar *necrochorume*.

De forma que à medida que o crescimento rural e suburbano continua a caminhar na direção do interior. Logo, as comunidades têm de enfrentar o problema dos cemitérios que se interpõem em seu caminho perfazendo uma luta entre o passado e o presente, em seu aspecto mais histórico. Constituindo assim, um grande problema, principalmente porque pessoas interessadas em História costumam criar enormes problemas em torno da questão. Porém, o importante é preservar o que for possível da História sem deixar de reconhecer que o progresso é inevitável e que, muitos cemitérios, desde que não tenham riquezas arquitetônicas ou tumularia, terão que ser transladados para a rápida expansão do crescimento como novos shopping centers, estradas e outros projetos que, com frequência, são construídos em torno de espaços que antes eram refúgios de paz.

Fazendo alusão aos *cemitérios*<sup>3</sup>, também conhecido como necrópole, carneiro, sepulcrário, campo-santo e vários eufemismos, como "cidade dos pés juntos" e "última morada". Segundo o JORNAL ALTO MADEIRA do dia 21/22 de outubro de 2007, a palavra teve uma evolução semântica ao longo do tempo, impondo-se definitivamente na língua francesa, desde o século XVI. Em inglês o emprego da palavra cemetery na linguagem corrente só aparece muito depois. *Churchyard* ou *graveyard* só foram substituídas por cemetery no século XIX e para designar, por oposição, uma outra forma de cemitério, o *rural cemetery*. Na terminologia hebraica, o cemitério é designado por termos bastante surpreendentes: *Berth Olam* (casa da eternidade) e *beth ha'hayim* (casa da vida). Partido do pressuposto acerca dos cemitérios e para que possamos compreender a este assunto citado anteriormente, faz-se necessário refletirmos acerca da evolução da concepção da morte que nortearam as práticas de enterramento desde os primórdios da humanidade tendo como guia o imaginário da morte que compreenderemos às várias formas de enterramento na História humana.

Arqueólogos conhecem a História dos Neandertais, William Rendu, 2012 da Universidade de Nova York (EUA) publicou um artigo onde afirma que na caverna La Chapelle-aux-Saints apresenta evidências suficientes para presumir que realizavam sepultamentos intencionais e que os corpos encontrados foram cuidadosamente introduzidos nas cavernas e não mostra evidência nenhuma de hibernação por animais que eventualmente poderiam tê-lo matado dentro da caverna. Logo percebe-se que tal prática não é um processo contemporâneo, e sim, desde os primórdios de nossa espécie já tinham essa prática de sepultamento.

---

<sup>3</sup> A palavra cemitério do grego *koimetérion*, "dormitório" do latim *coemeteriu*, era a designação, a princípio, do lugar onde se dorme, quarto, dormitório. Foi com a influência do cristianismo que o termo tomou o sentido de campo de descanso após a morte.

Estudantes questionaram a existência de enterro na Europa Ocidental antes da chegada dos *Humanos Anatomicamente Modernos* durante várias décadas. Então, uma aproximação que combina uma recuperação de campo global e o reexame dos restos de Neandertal previamente descobertos foi empreendida no local de Chapelle-Aux-Saints de La (a França), onde a hipótese de um enterro de Neandertal foi elevada pela primeira vez. Este projeto concluiu que o Neandertal de Chapelle-Aux-Saints foi depositado em uma cova cavada por outros sócios de seu grupo e protegeu um cobrindo rápido de qualquer perturbação. Estas descobertas atestam a existência de enterro de Neandertal europeu Ocidental e do Neandertal capacidade cognitiva para produzir isto (RENDU.W, 2012).

Segundo o Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Faculdade de Teologia N. S. Assunção (SP), Doutor em arqueologia clássica pela USP, com pós-doutorado em arqueologia bíblica pela Andrews University (EUA) Rodrigo Silva, em entrevista ao canal flowproducts em 01/07/2021, afirma que cemitério vem do grego *koimetérion* (dormitório, quarto de dormir) e no latim *coemeterium*, nome dado pelos cristãos primitivos onde se compreende tal expressão “sono eterno” como a metáfora eufemística da morte. Nesse contexto, esses cristãos primitivos eram impedidos de enterrar seus mortos pelos judeus tanto quanto os romanos. Logo, os primeiros cristãos começaram a cavar tuneis embaixo da terra e começaram a construir as catacumbas de Roma. Pois, eles, os cristãos, consideravam e ainda consideram que os mortos na graça de Deus não estão mortos, mas sim, adormecidos até à ressurreição (Apocalipse, 14:13). Logo, se tem, "cemitério" como lugar do seu repouso em vez de outras palavras latinas que expressavam a ideia de enterramento eterno.

Percebe-se então que as diversas práticas de sepultamento desde a era antiga podem ser vistas para os familiares bem como amigos como um encerramento do ciclo da vida do falecido, por acreditarem em diversas culturas sobre a “vida após a morte”. Logo, o sepultamento em diversas culturas é visto como passo importante e necessário para que o morto alcance esta "nova etapa". Nesse contexto, o caráter monumental da "última morada" era para muitos, fruto de uma ansiedade de se auto firmar na sociedade.

Nesse contexto, segundo o autor do livro *A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*, 1998 nos remete a algo interessante acerca da origem dos cemitérios, onde expõe que:

A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos”, uma vez que: “Em meio às andanças inquietas do homem paleolítico, os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo coletivo”. O que podemos tirar disso é que, desde os primórdios da humanidade, a preocupação com o “lugar do morto” já se mostrava presente (MUMFORD, 1998, p.13).

Como já citado anteriormente por Mumford, 1998 acerca da preocupação sobre a inumação, no *período Neolítico*<sup>4</sup>, os cadáveres eram colocados em cavernas naturais onde a entrada era fechada por uma rocha. Logo, percebe-se que as primeiras sepulturas dos povos neolíticos as quais não tardam a sofrer numerosas variantes, segundo o grau de civilização de cada grupo ou tribo, segundo os climas e a constituição geológica do terreno ocupado. Mas as cavernas não davam conta dos mortos, então passaram a construir sepulturas artificiais. Por mais que as cavernas do período citado acima representem as primeiras formas de sepulturas, elas não serão as formas predominantes de enterramento no período Neolítico. Havia o chamado *dolmens*<sup>5</sup>, nome derivado do Bretão dol = mesa e men = pedra no qual significa mesa de pedra, círculo de pedra ou pedra erguida. Datados desde o fim do V milênio a.C. até ao fim do III milênio a.C., na Europa, e até ao I milênio, no Extremo Oriente). Também são conhecidos por antas, orcas, arcas, e, menos vulgarmente, por palas. Popularmente, são também por vezes designados por casas de *mouros*<sup>6</sup>, fornos de mouros ou pias.

Segundo AGUIAR, 2022, o homem da pré-história, principalmente no período neolítico, abandona as cavernas e posteriormente começa a construir sua morada que depois foi chamada de dolmens. Construções essas que tinham características bem diferentes, onde sua formação arquitetônica consistia em duas ou mais pedras grandes fincadas verticalmente no chão, como se fossem paredes, e uma grande pedra colocada na horizontal sobre elas, parecendo um teto. Segundo ela, a autora, essas construções serviam para rituais místicos, culto aos deuses e templos para sacrifícios.

Hoje ainda existem várias teorias explicativas, umas com mais e outras com menos fundamento teórico. Algumas revelam que os Dolmens eram apenas túmulos, pois em quase todas as construções que não sofreram nenhum tipo de violação, foram encontrados, através de escavações, esqueletos ou fragmentos de esqueletos, esses fragmentos formavam uma câmara dentro da qual existia o esqueleto. Outros creem que as construções eram como observatórios astronômicos e relógios solares. (AGUIAR, 2022).

---

<sup>4</sup> Neolítico (do grego *néos*, novo, e *lithos*, pedra, "pedra nova") ou Período da Pedra Polida é o período histórico que vai aproximadamente do X milênio a.C., com o início da sedentarização e surgimento da agricultura, ao III milênio a.C., dando lugar à Idade dos Metais. Não se aplica à pré-História americana, subsaariana, nem oceânica.

<sup>5</sup> Os **dólmens** são monumentos megalíticos tumulares coletivos construídos por humanos. Construção feita de blocos de pedras na vertical coberto por uma pedra horizontal que lhe dá o formato de mesa.

<sup>6</sup> **Mouro** era o nome dado pelos cristãos às pessoas de pele escura e de religião muçulmana que habitaram a Península Ibérica, do século VIII ao XV. O termo vem dos romanos que nomearam Mauritânia a uma de suas províncias na África. Com a invasão dos árabes muçulmanos neste continente, os habitantes dessa região adotaram o Islã também como sua religião.

A autora comenta que de fato não se sabe ao certo, ainda não está claro quando, por que e por quem os primeiros dolmens foram feitos. Mas, existem inúmeras especulações acerca do tema e até hoje as diversas áreas como História, Antropologia, Arqueologia e Arquitetura não conseguiram e não conseguem explicar de maneira satisfatória a representação e a simbologia dessas construções dos povos Pré-históricos. Apesar da ausência de evidências claras para isso, restos humanos, às vezes acompanhados de artefatos, foram encontrados dentro ou próximos aos dolmens que poderiam ser cientificamente datados usando datação por radiocarbono. No entanto, tem sido impossível provar que estes restos datam da época em que as pedras foram originalmente colocadas no lugar. Logo, das poucas informações colhidas durante pesquisas é a de que essas construções não seriam simplesmente uma moradia.

Embora tivesse havido dolmens em tamanhos gigantes, com variação de diâmetros, geralmente o dolmens caracterizam-se por terem uma câmara de forma poligonal ou circular utilizada como espaço sepulcral. A câmara dolmênica era construída com grandes pedras verticais que sustentam uma grande laje horizontal de cobertura. As grandes pedras em posição vertical, denominadas esteios ou *ortóstatos*<sup>7</sup>, são em número variável entre seis e nove. A laje horizontal é designada de chapéu, mesa ou tampa. Nesse contexto, existem câmaras dolmênicas que chegam a ter a altura de seis metros. Quando a superfície da câmara dolmênica não supera o metro quadrado, considera-se que é um monumento megalítico denominado *cista*<sup>8</sup> que podem ser classificados em três modelos de dolmens. Este primeiro, *dólmem* simples fechado, possui a câmara dolmênica fechada, não tendo à partida nenhuma abertura, sendo necessária a remoção da tampa na ocasião de cada novo enterramento, enquanto neste segundo, o *dólmem* simples aberto, possui a câmara dolmênica aberta na parte lateral da câmara, por uma abertura que pode assumir várias formas, enquanto no terceiro modelo de *dólmem* é o de corredor, onde possui um corredor ou galeria de acesso à câmara formado por diversos esteios verticais, normalmente cobertos por lajes menores designadas por tampas. Alguns corredores apresentam um pequeno átrio no lado oposto à câmara. O corredor pode ter variadíssimos tamanhos.

Percebemos, então, que os primeiros seres humanos já demonstravam um certo respeito pelos seus mortos, reservando-os um lugar adequado para eles. Seja pelo mal da putrefação do cadáver, ou pela inexplicável razão para desaparecimento repentino da força motora do corpo. Partindo do pressuposto, através dos tempos, o morto foi ganhando o seu espaço e dedicação

---

<sup>7</sup> Perturbações consecutivas a estar de pé durante um longo período de tempo (hipotensão, sudação profusa, tonturas, vertigens). 2. Posição de pé ou posição ereta.

<sup>8</sup> Uma *cista* é um monumento de tradição megalítica funerário. Basicamente é formada por quatro lajes, colocadas verticalmente formando um retângulo. Sobre elas costumava ser colocada outra pedra horizontal a jeito de tampa.

no mundo dos vivos. Muitos povos, mesmo não compreendendo o motivo para a perda da atividade motora, sabiam que se tratava de um novo estágio do corpo.

Logo, alimentavam a crença de que, nesse outro estágio, acreditavam na “vida após a morte”. Os mortos continuavam a ter as mesmas necessidades das que tinham em vida. Por isso os mortos eram enterrados usando os objetos que mais gostavam, além de ainda serem postos alimentos sobre suas sepulturas. Percebe-se então que a morte é um mistério. Em diversas culturas, em diversas épocas existem explicações para essa etapa que é tão comum na vida, mas ninguém sabe ao certo o que esperar quando é chegada a hora. Mesmo com a inevitabilidade, a morte não deixa de ser menos dolorido.

## 2.1 EVOLUÇÃO DOS CEMITÉRIOS

A falta de justificativa para o fenômeno da *morte*<sup>9</sup> através dos tempos é o que levará muitas sociedades, principalmente os egípcios na antiguidade clássica, a crerem na vida após a morte. Daí os tantos cuidados para que o corpo não se desintegrasse. Nesse contexto, eis o processo de *mumificação*<sup>10</sup> no qual se tornou uma peculiaridade dos egípcios. Já os faraós, além de serem mumificados, eram postos em templos gigantescos, no caso as pirâmides, que simbolizavam e simbolizam até os dias atuais a importância que eles representavam para a sociedade e seu poder central.

Já na antiguidade Greco-romana, os mortos eram os primeiros que “recepcionavam” os viajantes. A primeira coisa que saudava o viajante que se aproximava de uma cidade grega ou romana era a fila de sepulturas e lápides que ladeavam as suas estradas. Nesse contexto foi com os gregos e os romanos surgiram muitos dos costumes que perduraram até os dias atuais como transcrever um *epitáfio*<sup>11</sup>, ou seja, escrever nas lápides tumulares, pôr flores sobre os túmulos, além de alimentos. Foram a partir desses costumes que a memória do morto passou a ser preservada e cultuada, assumindo diversas feições ao longo dos tempos.

No período medieval, o cemitério representará muito mais que uma necrópole, ou seja, uma cidade restrita aos mortos. Eram neles que a população das maiores cidades europeias

---

<sup>9</sup> **Morte** (do termo latino mors), 1- óbito (do termo latino obitu), 2- falecimento (falecer+mento), 3- passamento (passar+mento), 4- ou ainda desencarne (deixar a carne), são sinônimos usados para se referir ao processo irreversível de cessamento das atividades biológicas necessárias à caracterização e manutenção da vida em um sistema outrora classificado como vivo.

<sup>10</sup> A **mumificação** egípcia veio com a intenção de preservar o corpo pelo maior tempo possível. Eles tinham fé de que a alma e o corpo da pessoa que morresse um dia voltariam a se encontrar, por isso a necessidade da preservação corporal.

<sup>11</sup> O que é **epitáfio**: Frase colocada sobre o túmulo, lápide ou monumento funerário, geralmente para homenagear a pessoa que nele se encontra sepultada.

buscava se divertir, quando não fixar residência provisória ou definitiva. Além disso, as necrópoles eram também um espaço de cidadania, pois lá sempre estavam juízes a comunicar sentenças que na época seria o equivalente aos prefeitos de hoje a dar publicidades a suas ações. Esses locais funcionavam ainda como cartórios a céu aberto. Não que as condições ajudassem, pois já havia acúmulo de corpos e problemas de higiene e limpeza. Mas, de fato, os cemitérios atraíam. Eram um componente da urbanidade de então, construída através dos séculos e com origens bastante remotos.

Observou-se no parágrafo acima que os cemitérios medievais eram muito animados, mas não para por aí. Alguns construíam até tabernas em suas dependências, pois esses locais representavam autênticos lugares de sociabilidade; eram verdadeiros pontos de encontros para quem procurava diversão. Os cemitérios nesta época eram completamente integrados à comunidade, localizando-se no centro da mesma, servindo depois do sepultamento como pasto para o gado, local de feiras, jogos, atalhos para outras áreas e depósitos de lixo. Esses cemitérios também eram muito procurados pelos casais, haja vista ser um lugar tranquilo para o namoro, e pelas pessoas que buscavam um relacionamento. Nesse contexto, os jovens cortejavam as moças à sombra dos ossários e dançavam entre os túmulos a *farândola*<sup>12</sup>, uma dança medieval muito popular, em que vários participantes fazem uma roda, que evolui para outras formações. Nesse contexto, mesmo a Igreja Católica tendo proibido muitas dessas práticas e costumes sociais ora desenvolvidas dentro dos cemitérios, estes ainda continuaram sendo um local de intensa agitação até meados do século XIX, quando os cuidados com a higiene transportarão os cemitérios para longe das cidades.

No Brasil império, até a primeira década do século XIX, os mortos eram enterrados apenas trajando um manto cobrindo o corpo, posto que os cuidados com a higiene não haviam se tornado praxe no Brasil imperial. Nos cemitérios de negros por exemplo, nas principais cidades brasileiras, os escravos eram lançados em covas muito rasas e com o passar do tempo, os corpos ficavam expostos ao ar livre, a mercê de animais necrófagos, sendo que não havia preocupação por parte das pessoas. Logo, elas, as pessoas, conviviam pacificamente com os odores exalados pelos mortos. Nesse contexto, quando a preocupação com a higiene passou a ser tema central no império brasileiro, a partir da segunda metade do século XIX, visto que já era uma realidade na Europa, os governos passaram a aderir a esse novo padrão, reorganizando o espaço e a relação dos mortos com os vivos. De acordo com o autor: “uma organização civilizada do espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo, que os mortos

---

<sup>12</sup> Farandola: Grupo de pessoas reunidas desordenadamente. Reunião de agitadores. Aglomerado de baderneiros.

fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extramuros” (REIS, 1991, p.247).

Nessa perspectiva, segundo REIS (1991), os cemitérios agora se afastam das cidades, estabelecendo-se a divisão entre as cidades dos vivos e cidade dos mortos. Mas, nesse contexto, vale ressaltar que em algumas cidades, principalmente as metrópoles, a zona urbana em específico, cresceu tanto que aproximou novamente os mortos dos vivos, como é o caso do cemitério da cidade de Pinheiro-MA. Percebe-se então, que os cemitérios se afastam e também se aproximam das cidades, mas não se afastam das igrejas, sendo que cada novo cemitério construído terá sua capela situada no centro da necrópole, onde são feitas missas e orações aos mortos. Esse padrão é o que prevalece ainda nos dias atuais, mesmo surgindo outros tipos de cemitérios e práticas de enterramento.

## 2.2 O MISTÉRIO DO MORRER

Diante do exposto, percebe-se então que os primeiros seres humanos já demonstravam um certo respeito pelos seus mortos, reservando-os um lugar adequado para eles. Seja pelo mal da putrefação do cadáver, ou pela inexplicável razão para desaparecimento repentino da força motora do corpo. Partindo dessa premissa, através dos tempos, o morto foi ganhando o seu espaço e dedicação no mundo dos vivos. Muitos povos, mesmo não compreendendo o motivo para a perda da atividade motora, sabiam que se tratava de um novo estágio do corpo. Logo, alimentavam a crença de que, nesse outro estágio, acreditavam na “vida após a morte”. Os mortos continuavam a ter as mesmas necessidades das que tinham em vida. Por isso os mortos eram enterrados usando os objetos que mais gostavam, além de ainda serem postos alimentos sobre suas sepulturas. Percebe-se então que a *morte*<sup>13</sup> é um mistério. Em diversas culturas, em diversas épocas, existem explicações para essa etapa que é tão comum na vida, mas ninguém sabe ao certo o que esperar quando é chegada a hora. Mesmo com a inevitabilidade, a morte não deixa de ser menos dolorida.

Precedida pelo sofrimento, seja resultado de enfermidades, pela idade ou por ferimentos. A morte é muitas vezes chocante e inesperada. A família e os amigos sofrem a dor da perda, que inclusive nas escrituras referem-se à morte como “o último inimigo” a ser aniquilado. (1 Coríntios 15:26), também menciona o medo que a humanidade tem da morte (Hebreus 2:15).

---

<sup>13</sup> A **morte** (personificação) do corpo está relacionada, convencionalmente, ao fim da existência de um organismo, à extinção do funcionamento da vitalidade neste receptáculo físico. O corpo não reage mais aos estímulos externos, portanto, torna-se dispensável, o ser não precisa mais deste revestimento carnal.

A morte continua sendo um dos maiores mistérios da vida. Diversos dogmas e castas oferecem inúmeras respostas, algumas por sua vez, razoáveis e outras incríveis.

O conceito de morte como já explicitado em nota de roda pé, tem existido em muitas sociedades, desde o início da História. Fazendo um breve passeio por várias culturas correlacionadas à morte, segundo o site da revista época em 18/06/2009, acreditava-se na era greco-romana que a morte era inevitável, e, portanto, ela não é representada como puramente má. Ela é frequentemente retratada como um homem barbado e alado, mas também tem sido retratada como um jovem rapaz. Morte, ou Tâ nato, é a contrapartida da vida, a morte sendo representada como masculina, e a vida como feminina. *Tâ nato* é o irmão gêmeo de *Hipnos*, o deus do sono. Ele normalmente é mostrado com seu irmão e é representado como sendo justo e gentil. Seu trabalho é acompanhar os falecidos para o submundo, governado por *Hades*. Ele, então, entrega os recém-mortos nas mãos de *Caronte*, o barqueiro que leva as almas ao longo do rio Aqueronte, que separa a terra dos vivos da terra dos mortos. Acreditava-se que se o barqueiro não recebesse algum tipo de pagamento, a alma não seria entregue ao submundo e seria deixada na beira do rio por cem anos. As irmãs de Tâ nato, as *Queres*, são os espíritos de morte violenta. Elas estão associadas a mortes de batalhas, doenças, acidentes e homicídios. As irmãs são retratadas como más, muitas vezes se alimentando do sangue do corpo após a alma ser levada para o submundo. Tinham presas, garras e se vestiam com roupas ensanguentadas.

Assim como o folclore Bretão nos mostra uma figura espectral que é presságio de morte, o *Ankou*. O *Ankou* não é a própria morte, mas seu servidor. Normalmente, o *Ankou* é o espírito da última pessoa que morreu dentro da comunidade, aparecendo como uma figura alta e abatida com um chapéu largo e longos cabelos brancos ou como um esqueleto com uma cabeça giratória que vê a todos em todo lugar. O *Ankou* dirige um velho vagão ou uma carroça, empilhada de cadáveres. Dizem que quando um vivo escuta o som do veículo rangendo não tardará a morrer. Também dizem que aquele que vê o *Ankou* morrerá dentro de um ano. Já a cultura polonesa, a morte (ou *Śmierć*) é retratada com uma aparência similar à românica tradicional, mas ao invés de um manto preto veste um manto branco. A Morte é personificada como uma mulher (a palavra *śmierć* é de gênero feminino), principalmente vista como uma velha esquelética. Enquanto na cultura nórdica (norueguesa) a morte é retratada como uma mulher idosa que usa um capuz preto, conhecida pelo nome de *Pesta* (que significa bruxa, praga). Ela vai para as cidades carregando um ancinho ou uma vassoura. Se ela levar o ancinho, algumas pessoas poderiam sobreviver a praga, caso ela leve a vassoura, todos morreriam.

Em escrituras hindus, o senhor da morte é *Iama*, ou *Iamaraja* (literalmente "o senhor da morte"). *Iamaraja* monta um búfalo negro e traz um laço de corda para levar a alma de volta

para sua residência, chamada de Iama Loca (o mundo de Iama, ou o submundo dos mortos). Existem muitas formas de ceifeiros, embora alguns dizem que há apenas um que se disfarça como uma pequena criança. Seus agentes, os Iamadutas, carregam as almas de volta para Iama Loca. Lá, todas as contas de ações boas e ruins de uma pessoa são armazenadas e mantidas pelo Chitragupta. O saldo dessas ações permite Iamaraja decidir onde a alma irá residir em sua próxima vida, segundo a teoria da reencarnação. Iama é também mencionado no Mahabharata como um grande filósofo e devoto do supremo Brahman. Iama é também conhecido como Darmaraja, ou rei do Dharma. Uma interpretação é que a justiça é servida igualmente para todos, vivos ou mortos, com base em seu karma ou destino. Esta é ainda reforçada pela ideia de que Yudhishtira, o mais velho dos Pandavas e considerado como a personificação da justiça, nasceu devido às orações de Kunti para Iamaraja.

Na mitologia chinesa e no Taoísmo, é o deus da morte e o governador de Di Yu (inferno ou submundo). A divindade se originou a partir de Iama do hinduísmo e foi adotado no panteão chinês, eventualmente se espalhando para o Japão como Enma-Daioh e na Coreia como Grande Rei Yōmna. Ele é normalmente retratado vestindo um boné de juiz chinês e tradicionais vestes chinesas em ambas as representações, chinesas e japonesas. Enquanto na mitologia coreana, o equivalente da figura da morte na cultura ocidental é *Jeoseung-Saja* em coreano). Ele é retratado como um burocrata severo e implacável no serviço de Yōmna. Um psicopompo, ele escolta todos, bons ou maus, da terra dos vivos para o submundo quando chega a sua hora.

Na mitologia japonesa e no Kojiki, após dar à luz ao deus do fogo Hinokagutsuchi, feridas mortais causadas pelo fogo do filho atingem Izanami e ela entra no reino da noite perpétua chamado Yomi-no-kuni (o submundo), para o qual Izanagi, seu marido, viajou em uma tentativa frustrada de salvá-la. Ele contempla o estado monstruoso e infernal de sua esposa, ela se envergonha e fica furiosa. Izanami persegue Izanagi a fim de matá-lo, mas não consegue e promete matar mil de seu povo a cada dia. Izanagi retruca dizendo que mil e quinhentos vão nascer todos os dias. No catolicismo romano, o arcanjo Miguel é visto como o bom Anjo da Morte (em oposição à Samael, o controverso Anjo da Morte), levando as almas dos falecidos para o Céu (ver a sua invocação na oração oferecional tradicional da Missa Réquiem). A morte também é um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse retratados no Livro da Revelação. O Anjo do Senhor fere cento e oitenta e cinco mil homens no acampamento assírio (II Reis, 19:35). Quando o anjo da morte passa a ferir os primogênitos dos egípcios, Deus impede "o destruidor" (shâchath) de entrar nas casas com sangue na porta (Êxodo, 12:23). O "anjo destruidor" (mal'ak

ha-mashhit) estende sua mão para exterminar Jerusalém, mas é impedido por Yahweh, que se arrepende desse mal (II Samuel, 24:16).

Em I Crônicas 21:16, o Anjo do Senhor é visto pelo rei Davi "entre a terra e o céu, tendo na mão a espada desembainhada, voltada contra Jerusalém". O livro bíblico de Jó (33:22) usa o termo geral "destruidor" (memitim), que a tradição identificou como "anjos destruidores" (mal'ake Khabbalah), e Provérbios (16:14) usa o termo "anjos da morte" (mal'ake ha-mavet).

No islamismo, sikhismo e em algumas tradições extra-bíblicas, o anjo da morte é chamado de Azrael e também Samael. No Judaísmo, de acordo com o Midrash, o Anjo da Morte foi criado por Deus no primeiro dia. Sua morada é o céu, de onde ele alcança a terra em oito voos, enquanto a Peste chega em um. Disse Deus ao Anjo da Morte: "Eu entreguei-te o poder sobre todas as pessoas, só não sobre estes que estão livres da morte por meio da Lei". Ele tem doze asas e dizem que é cheio de olhos. Quando um homem que está prestes a morrer vê o Anjo da Morte, ele é tomado de uma convulsão e abre a boca. O Anjo se põe a frente da vítima com sua espada desembainhada, da qual cai gotas de fel na boca do homem, essa gota provoca a morte e aos poucos o corpo da pessoa se torna podre, ficando com o rosto amarelo. A expressão "ao gosto da morte" teve origem na idéia de que a morte foi causada por uma gota de fel. Nas tradições judaicas o anjo da morte é chamado de (Samael), de terrível aparência, e da coroa da cabeça até os pés, está coberto de olhos.

Percebe-se então diante do exposto que, muitas vezes, estas explicações de diversas culturas totalmente adversas se contradizem, aumentando a confusão e a incerteza sobre o que acontece depois da morte, onde ensinam que nascemos com almas imortais; outras dizem que somos almas imortais. Muitos crêem que depois da morte a alma fica consciente e vai para um lugar ou estado de bênção ou de tormento. Outras ensinam que após a morte a alma é absorvida por uma "grande consciência". Algumas pessoas esperam reencarnar, voltando à terra como outra pessoa ou animal. Então, podemos saber realmente o que é a morte? Somos almas imortais? Ficamos conscientes depois da morte? Iremos para algum lugar como forma de recompensa ou punição? O que realmente vai acontecer quando morreremos?

### 2.3 CULTO AOS MORTOS

Desde os primórdios, desde o princípio dos tempos, é cultural dar destino aos restos mortais de seres vivos, devido ao forte odor que deixava por vários dias e até semanas. Desde os neandertais, povos do mundo inteiro já traziam essa cultura de a inumação a céu aberto.

Motivo qual era primeiramente o “*respeito*<sup>14</sup>” pelos restos mortais do indivíduo, pois se deixados ao relento, os corpos poderiam ser consumidos por *animais necrófagos*<sup>15</sup>, nesse contexto, é ainda considerado um ultraje em muitas culturas. No tocante a palavra respeito, ela (o respeito) é amplamente utilizado dentro de inúmeras religiões e culturas, onde se está fundamentado o respeito ao próximo, o tratar alguém do mesmo modo com que se gostaria que fosse tratado. Sendo essa uma premissa essencial para que se viva em harmonia. Nesse contexto, o respeito é algo essencial para os seres humanos possam cultivar relações saudáveis. Por meio do respeito uma pessoa evita de agir de modo errado com outra. Uma pessoa também cultiva o respeito por outra quando cria uma empatia por ela. Há também o respeito por outros seres vivos.

Logo, o respeito é um *valor*<sup>16</sup> que permite que o homem possa reconhecer, aceitar, apreciar e valorizar as qualidades do próximo e os seus direitos. Por outras palavras, o respeito é o reconhecimento do valor próprio e dos direitos dos indivíduos e da sociedade. Ainda, dentro desse sentido de respeito existe o conhecido como respeito mútuo, que é caracterizado pela relação de respeito entre duas ou mais pessoas.

Trata-se então de um sentimento positivo, sentimento esse que refere-se ao ato ou efeito de respeitar alguém ou algo também. O respeito permite que a sociedade viva em paz, numa convivência saudável que assenta em normas e instituições. Partindo da premissa acerca do respeito aos vivos para com os mortos e da premissa de uma determinada crença sobre a morte que justificará o destino que os vivos darão aos mortos, tendo como guia o imaginário da morte que compreenderemos as várias formas de enterramento ao longo da História humana. Como já citado anteriormente, desde o princípio dos tempos faz parte da cultura humana dar destino aos restos mortais de seres vivos, em primeiro plano o enterramento, por conta do odor forte que deixava por vários dias e até semanas.

Os mortos eram e são cultuados em diversas sociedades até os dias atuais. Isso ocorre de acordo com as crenças de cada povo. Um exemplo de civilização antiga que já praticava o

---

<sup>14</sup> A palavra *respeito* provém do latim **respectus** e significa “atenção” ou “consideração”. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, o respeito prende-se com a veneração ou a obediência para com alguém. O respeito inclui cuidado, consideração e deferência.

<sup>15</sup> Na Biologia chama-se de **detritívoros**, **saprófagos** ou **necrófagos** os animais que se alimentam de restos orgânicos (plantas ou, animais mortos), reciclando-os e retornando-os à cadeia alimentar para serem reaproveitados pelos demais organismos vivos.

<sup>16</sup> O valor é uma qualidade que confere às coisas, aos feitos ou às pessoas uma estimativa, seja ela positiva ou negativa. A axiologia é o ramo da filosofia que estuda a natureza e a essência do valor.

culto dos mortos foi o Egito. De acordo com a antiga religião do Egito, *Anúbis*<sup>17</sup> era o deus dos mortos, da mumificação e do submundo. Guardião dos túmulos e juiz dos mortos, ele era representado com o corpo de homem e a cabeça de um chacal, sendo considerado ainda a primeira múmia do Egito Antigo. Eles, do Egito antigo, acreditavam que o corpo e a alma eram separados após a morte, a sobrevivência do *ka* (corpo) era necessária para a sobrevivência do *ba* (alma) e do *akh* (espírito), para a civilização egípcia, o homem era formado por intocáveis conceitos, conceitos estes presentes desde o seu nascimento até sua morte. Acreditavam também que mantendo o corpo bem preservado haveria sempre uma morada para onde a alma poderia voltar. Para eles, mesmo após a morte, a vida humana continuava em outro lugar com as mesmas necessidades (moradia, alimentação, etc.). Eles não viam a morte como um fim, mas como o início de uma nova existência. Por isso, os egípcios conservavam os cadáveres para que sua continuidade fosse mantida no além.

Os mortos eram tratados da mesma forma que as divindades. Foram desenvolvidos processos que mantiveram os corpos conservados por muito tempo, protegidos contra quaisquer forças que pudessem desintegrá-los que é o caso da mumificação que foi uma das primeiras técnicas desenvolvidas para preservação do corpo. Nesse contexto, aos poucos, essa prática de culto dos mortos começa a se tornar um verdadeiro ofício na cultura egípcia. Quando retirados os órgãos principais do cadáver e, então, colocava-se os corpos encobertos por faixas de algodão dentro de um sarcófago. Logo, para os egípcios, não se via a morte como um fim, mas, como o início de uma nova existência. Onde se cercavam de tudo o que tinha usado em vida para ser levado à viagem ao além como móveis, alimentos e joias onde eram colocados nos túmulos junto ao corpo mumificado.

Estas primeiras múmias naturais datadas do IV milênio a.C. foram provavelmente encontradas por engano como resultado da acção de animais do deserto ou aquando a construção de túmulos posteriores. A aparência do corpo semelhante à que possuía em vida, provavelmente originou a crença de que a existência humana não terminava com a morte e que a sobrevivência do corpo desempenhava um papel importante na nova vida (LABORINHO, 2003, p. 05).

Percebe-se então que além de diversas artes praticadas pelo antigo Egito discute-se a relevância dos outros conhecimentos desenvolvidos como o ensino de ciências, seus sacerdotes tinham amplos conhecimentos de astronomia tanto quanto nas áreas de química, medicina, engenharia e arquitetura, onde possibilitou a construção de templos que estavam alinhados com

---

<sup>17</sup> A origem de seu nome parece ser uma derivação de “*inep*”, que significa “purificar”, ou “apodrecer”. De fato, na língua egípcia antiga, seu nome era “*Anpu*” ou “*inpu*”, e Anúbis nada mais é que a versão do nome convertida para a língua grega.

o plano de rotação do sol e as três grandes pirâmides de Gizé pareciam alinhadas com o eixo longitudinal de Órion. Essa antiga civilização, considerada o berço da Alquimia e tem uma gama de riquezas na maioria das áreas das ciências e evolução científica.

A História desse Estado é muito rica em elementos e métodos da Química, trazendo para as atualidades diferentes técnicas, que mesmo com restrições tecnológicas, se mostram muito eficazes nas pesquisas científicas e elucidações (MONTANARI, 2000).

Partido da premissa da medicina, com a evolução e novas descobertas científicas, foi possível alcançar o progresso dessa área, com o auxílio de uma cultura, também egípcia, denominada mumificação.

No Egito Antigo, há textos famosos de medicina, como o papiro de Ebers, um dos mais antigos tratados médicos conhecidos com cerca de 3500 anos, que prescreve o uso terapêutico de óleos como os de alho, girassol, açafraão, terebintina e outros e o uso de mel ou de cera de abelhas como veículo ou ligamento para os óleos usados visando-se a melhoria da absorção do medicamento, existindo na época inclusive um exótico extrato oleoso de víbora usado para tratamento de calvície. (NOGUEIRA; MONTANARI; DONNICI, 2009, p. 228).

Segundo CHEMELLO,2006,P 4: Ao prepararem as múmias, os egípcios tinham uma verdadeira lição de anatomia. Aproveitavam o momento para aprender as relações das estruturas internas do corpo humano. Esse processo de mumificação contribuiu muito para a medicina e justifica o destaque que os egípcios antigos possuíam nesta área. Naquele tempo já existiam médicos, os quais no Egito antigo eram chamados de “*sunu*”, palavra equivalente a “Doutor”. Dentre os três tipos de categorias de *sunus*, merece destaque uma que atendia as pessoas em espécies de consultórios, parecido com o que acontece hoje. Uma outra cultura comum do Egito Antigo é a mumificação. Com essa prática, os egípcios conseguiam, a partir da preparação de *múmias*<sup>18</sup>, um grande aprendizado anatômico e isso contribuiu, de forma significativa, para a evolução da medicina. O termo Mumificação é o nome do procedimento aprimorado pelos antigos egípcios em que se retiram os principais órgãos, além do cérebro do cadáver, dificultando assim a sua decomposição. O tipo de mumificação variava conforme a classe social a que o defunto pertencia. A técnica de embalsamar era muito complicada e os sacerdotes deviam ter conhecimentos de anatomia para extrair os órgãos sem danificá-los. Nesse sentido,

---

<sup>18</sup> 1- A palavra persa para betume é *moumia* de onde derivou o termo *múmia*. 2- no antigo Egito, o corpo de pessoas ilustres (faraós, sacerdotes, sábios, comerciantes etc.) preservado, após a morte, pelo emprego de substâncias balsâmicas

de acordo com Laborinho (2003) que destaca diversas técnicas de mumificação, onde foram necessárias para garantir a preservação do corpo para a imortalidade, conforme versava a religião dos faraós. Onde, para chegar na forma de mumificação foram necessários aprendizados de técnicas de preservação do corpo, para isso os egípcios tiveram que se aperfeiçoar a sua compreensão da anatomia humana. Laborinho (2002), discute que existiram vários métodos de embalsamamento utilizados ao longo dos séculos. Isso podia ser notado devido ao bom estado de conservação das múmias. Um dos primeiros métodos a serem utilizados foi a mumificação solar do Egito faraonítico, onde o Faraó morre e o seu cadáver é cozinhado até as carnes se desprenderem dos ossos. Os ossos são pintados de vermelho, enfaixados, fazendo-se uma estocagem na múmia com gesso. Pinta-se o retrato da pessoa na própria múmia. E esta se forma ao mesmo tempo em uma estátua Ka, ou seja, uma estátua que vai abrigar a alma do morto. Deixavam o corpo ao Sol, pois acreditava-se que o Sol era o principal deus e traria luz para a alma. Outro método muito utilizado é a mumificação osiriana, processo este que mais conhecemos e o que se tornou mais utilizado. Para o Faraó, para a nobreza e pessoas mais ricas, era feita da seguinte forma segundo Spencer, 1991 apud Laborinho, 2002:6-9, o cérebro é tirado pelas narinas, através de um instrumento curvo, mexe-se no cérebro que é uma massa mole, e este se liquefaz. Injeta-se vinho de tâmara, ajudando a dissolver mais o cérebro. Vira-se o morto e o cérebro escorre pelas narinas. No segundo passo é aberta uma incisão no abdômen e todos os órgãos internos, exceto o coração, são retirados, embalsamados e colocados em jarros chamados de canopos. Em seguida, o corpo é enchido com saquinhos de sal (Natrão) e mergulhado em uma espécie de bacia um pouco inclinada com um furo de um lado, para que seus líquidos escorram. Após isso, a múmia é literalmente enterrada por 72 dias. O sal absorve todo o líquido do corpo. Após estes 72 dias, o corpo, que está escurecido e ressecado, é retirado. Enxertam-se resinas, aromas, perfumes, bandagem, pó de serra, isto para dar a conformação do corpo. Depois disto, a abertura no abdômen é costurada, e é colocada uma placa mágica, geralmente com o desenho dos Quatro filhos de Hórus e de seu olho. Logo, começa, então, o processo de enfaixamento com metros e metros de tiras de pano de linho com goma arábica, até fazer a composição que vemos nas múmias. A cada volta, colocam-se amuletos e colares. Assim a múmia está pronta para o enterro, sendo que no caso do Faraó este enterro era acompanhado de um extenso ritual, repleto de encantamentos, realizado por sacerdotes. Segundo Lopes, 1998:12 apud Laborinho, 2002:3, Osíris torna-se um modelo a seguir, sendo a preservação do corpo fundamental no acesso à via de salvação osírica, isto é, na passagem para a eternidade e conquista do Reino dos Ocidentais.

Também existia o método de mumificação para pessoas de classe baixa, onde se colocava uma injeção de essências e de vinhos corrosivos através do ânus, põe uma espécie de tampão e depois de alguns dias tiram-no o que dissolveu. Então eles enfaixam a múmia e devolvem o corpo para os parentes. Quando as múmias foram encontradas, muitas foram comercializadas e quando o comércio delas acabou e ninguém mais se interessava em comprá-las, alguns ladrões de túmulos decidiram triturar as múmias e comercializá-las como pó para fazer chá. Muitas pessoas adquiriram este pó achando que haveria algum poder de cura para seu tipo de doença.

Após o final de todo o processo, os mortos eram presenteados com móveis, bebidas e outros artefatos. A fundamentação destas doações era fazer com que os falecidos, já em outro plano, continuassem a utilizar os objetos em sua nova existência. Normalmente, os cuidados com os cadáveres ficavam sob responsabilidade da família do falecido. Mas, essas atividades tinham um custo muito alto para os familiares, logo, apenas os egípcios de situação econômica bem confortável podiam ter esse privilégio. Porém, com o declínio do poder do Faraó, o interesse do povo egípcio no culto aos mortos diminuiu, restando poucas tradições como a libação com água realizada a cada dez dias e o pronunciamento de frases para os cadáveres.

Além da cultura egípcia, quase todas as religiões cultuam os mortos, como a Igreja católica, que venera Santos como intercessores entre os vivos e Deus. Algumas culturas de nativos da América e orientais veneram seus ancestrais de forma a garantir que tenham um bem-estar contínuo em outra vida, além da crença de que os mortos podem influir na vida dos vivos, fazendo-lhe favores ou lhes dando assistência. No espiritismo, acredita-se que é possível a comunicação com os vivos e os espíritos por meio de médiuns. (AZEVEDO, 1999).

Percebe-se então que construções fúnebres são alguns dos primeiros vestígios da cultura humana e até nos dias atuais elas abundam em museus fragmentos arqueológicos de sepulturas. Fazendo referência aos primeiros vestígios, o túmulo designava o local exato do culto funerário, porque tinha por objetivo transmitir às gerações seguintes a lembrança do defunto. Daí a nomenclatura *monumentum*, proveniente de ‘memória’, surge o termo túmulo que, posteriormente, torna-se um memorial. Nesse contexto, o homem sempre acreditou que a vida supera a morte, por isso, faz memória de seus mortos.

Uma poderosa e monumental expressão cultural, nos primórdios da História da humanidade, foi a civilização egípcia. A mais importante obra, que provavelmente duraria por todo o reinado de um faraó, era sua tumba. Praticamente quase todas as construções da civilização dos faraós eram fúnebres. Para construir essas sepulturas aos reis, milhares de escravos devotaram sua vida. Os demais povos do oriente médio antigo, de maneira semelhante

aos egípcios, porém com características próprias, viviam em vista da outra vida. Os sumérios, babilônios e assírios enfrentavam a morte com um pessimismo profundo. Na mitologia mesopotâmia, os deuses reservavam a vida para si mesmos e repartiam a morte entre os humanos. O povo de Israel, contudo, não desenvolveu semelhante culto aos mortos porque a religião do Antigo Testamento concentrava-se na exaltação da vida.

Ou seja, segundo a Bíblia Sagrada (1995), diz: “Não se achará entre ti quem consulte os mortos” (BÍBLIA SAGRADA, 1995). Logo, ela proíbe o contato com os espíritos. Segundo citação acima, Deus proibiu de se evocar os mortos, então, Deus proibiu de se evocar os mortos? Sim, segundo a passagem na Bíblia Sagrada (2008), em Deuteronômio 18:10 a 18 diz que “Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para Ele”. Em Lucas 20:38 quando afirma que: Deus não é Deus de mortos, porém de vivos: “Porque para Ele vivem todos”. Bem como Mateus 22:31 conclui que:

“Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos”, Cristo de modo algum se referia à continuação da vida após a morte, mas à ressurreição, significando claramente ser a ressurreição a única porta pela qual os mortos poderão voltar à vida (BÍBLIA,2008).

Essa prática de culto dos mortos como já citado anteriormente, é uma prática baseada na crença que o falecido, muitas vezes familiares, tem uma existência contínua e possui a capacidade de influenciar a sorte dos vivos. Enquanto alguns crentes veneram seus ancestrais, algumas comunidades de fé, em particular a Igreja Católica, veneram os santos como intercessores junto a Deus. Em algumas culturas orientais, e nas tradições de nativos americanos, o objetivo da veneração dos ancestrais é garantir, a ancestrais, contínuo bem-estar e disposição positiva em relação à vida e, podem ser interpretadas também como pedir favores especiais ou assistência. A função social ou não religiosa de veneração dos ancestrais é cultivar os valores de parentesco tais como piedade filial, lealdade familiar, e continuidade da linhagem da família. Embora longe de ser universal, a veneração ancestral ocorre em sociedades com todos os graus da vida social, política e complexidade tecnológica, e continua a ser até n atualidade um componente importante de várias práticas religiosas nos tempos modernos. Este artigo examinará as semelhanças e diferenças nas relações entre os vivos e os mortos.

Com relação à esse “respeito aos mortos”, que é um sentimento religioso onde abrange-se, de modo geral, a proteção aos valores ético-social de uma sociedade, ao qual a liberdade é sua força-motriz, pois que esta abrange a liberdade de crença, de culto e de organização religiosa. Diversas culturas e religiões na atualidade têm práticas similares. Alguns visitam os túmulos de seus pais ou outros ancestrais, deixam flores e oram a eles de forma a honrá-los e a

lembrar-se deles, enquanto também pedem a seus antepassados já falecidos que continuem a olhar por eles. Entretanto, tais práticas não são consideradas uma forma de culto a esses ancestrais.

Nesse sentido que a tradução de veneração aos ancestrais ou culto aos mortos traz um sentido mais acurado do que os praticantes de todas as culturas e religiões, faz-se a referência aqui de sepultar seu ente para transformá-lo em um martir, podendo ser social (comunidade ou nação) ou simplesmente familiar.

### 3 CONSTRUÇÃO DOS CEMITÉRIOS NO BRASIL

Os primeiros cemitérios no Brasil foram nas igrejas, onde tais sepultamentos, obedeciam sempre a uma cadeia hierárquica, desse modo conferiam aos maiores doadores a possibilidade de serem sepultados mais próximos do altar-mor ou nas vizinhanças desses locais. Estavam restritos a *inumação*<sup>19</sup> dentro das igrejas os escravos, não católicos, judeus, protestantes e sentenciados.

Logo, com o passar do tempo, no Brasil, aproximadamente no final do século XVII, começaram a surgir os “cemitérios a céu aberto” chamados campos-santos ou cemitérios secularizados. Isto já não era novidade, japoneses, chineses, judeus e outros povos já traziam tradicionalizada a este modelo de inumação. Sob domínio da igreja, sendo ela também responsável pela administração dos locais, visto que o crescimento acelerado da urbanização tanto quanto o crescimento das cidades é também uma importante razão para a criação dos desses cemitérios coletivos a céu aberto, visto que o crescimento populacional desordenado não permitia mais o sepultamento em capelas e igrejas, que já não comportavam o aumento da demanda. De fato, o aumento dessa demanda, parece ter explicação simples, mas quando se atenta para uma outra linha de raciocínio bem específica deste estudo que é o extravasamento de fortunas nas construções tumulárias pomposas para os ilustres e abastados dado o vínculo que ela mantém com as representações do luto, alicerçadas no discurso religioso, moral e econômico do grupo social a que serve.

Logo, quando se verifica a diferença comportamental entre a sepultura de igreja e da construção livre arbitrada pela fantasia cultural e religiosa dos menos abastados, considera-se a História social e cultural do mesmo período, então se percebem outras razões no fenômeno. Logo, não foi somente uma questão do ponto de vista higiênico, ou seja, uma razão metade prática e metade científica, mas também é questão política e social.

Em nosso país, a urbanização acelerada e o crescimento das cidades foi também a importante razão para a criação dos cemitérios coletivos a céu aberto, visto que o crescimento populacional desenfreado não permitia mais o sepultamento em capelas e igrejas, que já não comportavam o aumento da demanda. Os novos cemitérios foram motivados pela Carta Régia, em que Sua Alteza o príncipe regente, solicitava por questões sanitaristas que os corpos passassem a ser enterrados em cemitérios construídos a céu aberto. Documento esse

---

<sup>19</sup>1- Ato, processo ou efeito de inumar; enterramento, enterro, sepultamento. 2- DEFINIÇÕES: *direito penal* contravenção penal praticada pela autoridade pública que sepulta cadáver sem a observação dos preceitos legais.

produzido pelo monarca dirigido às autoridades metropolitanas ou coloniais contendo ordens de caráter permanente e com poder de lei no Estado Brasileiro.

Com a *secularização*<sup>20</sup>, concretizada com o Decreto n. 119-A, em 1890, baixado pelo Governo Provisório de 1889-91, até então, os cemitérios existentes no Brasil eram particulares, não foram simplesmente declarados públicos, mas não puderam mais neles realizar-se inumações. Nesse contexto, foi somente com a secularização que o cemitério passou para a conviver com cemitérios públicos e privados. A necessidade era de manter cemitérios civis de caráter público onde qualquer defunto pudesse ser sepultado, independentemente do credo religioso ou do estado como tivesse falecido. Nesse contexto, com o decreto ora exposto, alguns cemitérios passaram para o poder público através da desapropriação, de compra e venda, etc. e assim, deixando de ser particulares e, assumindo a condição de bem público, logo, admitiam as inumações de qualquer pessoa independente de raça, credo, cor ou religião. Mas, os que continuaram como propriedades privadas, mesmo assim ficaram sob o poder de polícia da autoridade municipal a quem foi deferido tal encargo. De qualquer forma, ficaram impossibilitados de realizar novos sepultamentos.

Em se tratando de estudos sobre cemitérios no Brasil, os estilos correlacionados à arte cemiterial se sucedem como nas necrópoles europeias, porém com datas defasadas e submetidos às razões da disponibilidade dos materiais locais. Em todos os centros urbanos tem expressão e riqueza, novas e reconhecíveis características. Até então, as construções cemiteriais se valiam do trabalho artesanal e da eventualidade artística do início da *art nouveau*<sup>21</sup> (arte nova) datada de 1890 com o trabalho industrial mecanizado, as fundições passaram a fornecer grades e portões, frisos, cercaduras de ornatos, vigas metálicas, cruces e alegorias pré-moldadas, etc. Assim, as estátuas não eram mais trabalho do escultor, neste caso entendido como o artista criador do objeto modelado. Etimologicamente o *Estatuário* é a pessoa que produz ou fabrica estátuas; do mesmo significado de escultor, que corresponde ao artesão habilitado a reproduzir em pedra os protótipos encomendados, mediante pantógrafo, brocas elétricas e produção em série.

Perpassando pela cronologia artística cemiterial brasileira por reunir ao mesmo tempo famílias com recursos financeiros e disposição para construir túmulos suntuosos e artistas de

---

<sup>20</sup> A **secularização** como processo de uma pessoa ou de uma sociedade pode ser entendida, em um sentido literal, como um processo pelo qual a religião deixa de ser o aspecto cultural agregador, transferindo para uma das outras atividades desta mesma sociedade este fator coercitivo e identificador. Ela faz com que tal pessoa ou sociedade já não seja mais determinada ou orientada por uma religião.

<sup>21</sup> Também chamado de “**arte nova**”, o **Art Nouveau** foi uma corrente artística que teve seu início na Europa no fim do século XIX. Com um caráter bastante decorativo, esse movimento abrangeu as artes plásticas, o design de interiores e a arquitetura.

grande talento que aqui aportaram características modernistas que denotam sensualidade e monumentalidade. Nos cemitérios brasileiros, a presença de nus na arte cemiterial é uma grande inovação deste período.

Nos dias atuais, com o surgimento dos chamados cemitérios-jardim, campos-santos, etc. A arte da escultura cemiterial praticamente está extinta. Outro fator que leva a presença cada vez mais escassa de túmulos monumentais, é o alto custo dos materiais como o mármore, ferro e bronze, além da falta de profissionais (artistas) que se dediquem a este tipo de trabalho. Restamos, portanto lutar para preservar estas verdadeiras obras de arte que ainda existem espalhadas pelos cemitérios de nosso país, começando por reconhecer o seu inestimável valor estético. Pois, sem sombra de dúvidas, a má conservação de muitas das necrópoles brasileiras, algumas delas centenárias e em estado de total abandono, será uma perda irreparável de um belo patrimônio artístico nacional.

### 3.1 DIFERENTES FORMAS DE SEPULTAMENTO

Nos dias atuais, por todos os lugares do mundo, têm-se milhares de cemitérios para a realização de velórios, sepultamentos, cremação e demais serviços funerários, vários desses cemitérios, englobando também as monumentais construções de mausoléus familiares. Entretanto, nem sempre foi assim, durante séculos a forma em que eram realizados os velórios e sepultamentos variavam de acordo com características dos povos, religiões e costumes de cada família. Então, desde o começo das civilizações, já existiam alguns locais próprios para sepultamentos. Nesse contexto, o sepultamento até hoje, não só por questão de higiene, mas, é muito significativo na perspectiva religiosa, pois, leva à preservação dos lugares considerados santos (campos-santos) e o cemitério passou a ser considerado a última morada. Isto se efetuou em face da fé dos cristãos, podendo ser identificada como elemento responsável pela mudança de comportamento do indivíduo em relação a prática de enterramento.

As diversas formas de sepultamento podem ser vistas como fecho de um ciclo ou um encerramento para a família e amigos do falecido, por acreditarem em diversas culturas sobre a “vida após a morte”. O sepultamento então é visto comumente como um passo necessário para que o morto alcance esta "nova etapa". Nesse contexto, o caráter monumental da "última morada" era para muitos, fruto de uma ansiedade de se auto afirmar socialmente. É, de fato, uma expressão do relacionamento do homem com a morte, daí que tem sofrido essas variações ao longo da História até ser desativado para sepultamentos, revelando, assim, sua cultura através de suas práticas funerárias, origem e evolução cronológica do cemitério em epígrafe.

Para que possamos entender a História dos cemitérios, faz-se necessário refletirmos sobre a morte acerca da evolução e concepção que nortearam as práticas de enterramento desde os primórdios da humanidade. Partindo da premissa de uma determinada crença sobre a morte que justificará o destino que os vivos darão aos mortos. Nesse contexto, tendo como guia o imaginário da morte que compreenderemos as várias formas de enterramento na História da humanidade. Desde o princípio dos tempos, é cultural dar destino aos restos mortais de seres vivos, em primeiro plano o *enterramento*, por conta do odor forte que deixava por vários dias e até semanas. Civilizações do mundo inteiro já traziam essa cultura de inumação a céu aberto, como segundo o arqueólogo conhece a História dos Neandertais, William Rendu, 2012 da Universidade de Nova York (EUA) quando publicou um artigo onde afirma que na caverna La Chapelle-aux-Saints apresenta outras várias evidências suficientes para presumir que realizavam sepultamentos intencionais e que os corpos encontrados foram cuidadosamente introduzidos nas cavernas e não mostra evidência nenhuma de hibernação por animais que eventualmente poderiam tê-lo matado dentro da caverna. Logo percebe-se que tal prática não é um processo contemporâneo, e sim, desde os primórdios de nossa espécie já tinham essa prática de sepultamento.

Assim como no Brasil, que foi encontrado um crânio do sexo feminino no ano de 1975 na região de Lagoa Santa no Estado de Minas Gerais, com aproximadamente 11 mil anos e após reconstituição do seu rosto, feita no ano de 1999 por pesquisadores da Universidade de Manchester, descobriu-se que as primeiras populações do continente têm mais semelhanças com povos africanos do que com asiáticos. A descoberta de Luzia, no sítio arqueológico de Pedra Furada no estado do Piauí a partir da década de 1970 coordenada pela pesquisadora Niède Guidon indicam, por meio de objetos encontrados como ferramentas e restos de fogueira, que o homem está presente no que é hoje o território brasileiro a no mínimo 50 mil anos. Na mesma região onde viveu Luzia, foram encontrados vestígios dos rituais de inumação que acerca de 10 mil anos atrás proporcionam uma amostra muito rica e relevante de como a vida desses primeiros habitantes era muito mais complexa do que pode supor o conhecimento empírico.

Desde a remota antiguidade, os espaços destinados aos mortos (cemitérios) são reflexos culturais do mundo dos vivos, e assim permanecerem, transpondo os aspectos religiosos e materiais e mesmo na manutenção da ordem social vivida e pretendida no “além-túmulo” (LIMA, 2015, p. 19).

Partido do pressuposto acerca dos cemitérios e para que possamos compreender a este assunto citado anteriormente, faz-se necessário refletirmos acerca da evolução da concepção da morte que nortearam as práticas de enterramento desde os primórdios da humanidade tendo

como guia o imaginário da morte que compreenderemos às várias formas de enterramento na História humana.

Bem como já citado anteriormente acerca da inumação dos primórdios, façamos aqui um comentário acerca das práticas de sepultamento em diversos tempos e diversos lugares. Na antiga Grécia por exemplo, a concepção da vida após a morte e as cerimônias associadas ao sepultamento já estavam bem estabelecidas no século 6 a.C. Homero, na época, já descrevia o submundo, no fundo da terra, onde Hades, o irmão de Zeus e de Poseidon, e sua esposa, Perséfone, reinavam sobre incontáveis multidões de figuras sombrias de todos aqueles que haviam morrido. Não era um lugar feliz. Os gregos acreditavam que, no momento da morte, a psique, ou espírito dos mortos, deixava o corpo como um pequeno fôlego ou sopro de vento. O falecido era então preparado pelas mulheres conduziam os ritos funerários que tinham normalmente três partes: a prothesis (postura do corpo), que era lavado e unguido com óleo, o corpo era vestido e colocado em uma cama alta dentro da casa. A ekphora (procissão fúnebre) e o enterro (sepultamento) do corpo ou dos restos cremados do falecido. Assim então, o falecido seria consagrado pelos deuses e pelo tempo.

Em Roma, na civilização antiga, os funerais eram organizados de acordo com a cadeia hierárquica de classes. Assim, a diferença nos ritos fúnebres se evidenciavam entre as camadas sociais desde as mais abastadas e as menos abastadas da sociedade da época. Dessa forma, os pobres eram incinerados ou enterrados sem muita cerimônia. Porém, era comum que as associações beneficentes da época promovessem a seus associados a construção de devidas sepulturas, conhecidas como *columbaria*<sup>22</sup>. Além disso, geralmente, o cadáver era lavado com água quente, perfumado e vestido com um manto enfeitado pelos atributos do morto, só depois de ser exposto em um leito no átrio<sup>23</sup> que eram colocadas coroas e flores. O defunto era levado em uma urna aberta em um cortejo sendo acompanhada por músicas para lamentar sua morte.

Em distinção dos funerais dos nobres, políticos e outras autoridade, o cortejo se dirigia ao Fórum daquela sociedade, onde neste local, se realizava o discurso fúnebre. Também era comum o acompanhamento do cortejo fúnebre com máscaras de cerâmica para representar os antepassados do falecido. Então, no cemitério construído fora dos muros da cidade, o sepultamento ou a incineração realizava-se na própria tumba, sendo que nela eram depositados

---

<sup>22</sup> **Columbaria:** Lugar em que são depositadas as urnas contendo as cinzas dos mortos depois da cremação dos cadáveres. Na Roma Antiga os columbários eram grandes câmaras subterrâneas onde os restos mortais, depois de cremados, eram colocados em pequenos nichos nas paredes, normalmente decorados com placas comemorativas.

<sup>23</sup> **Átrio** é um substantivo masculino da língua portuguesa que define o que seria o principal aposento dos primeiros templos da Roma Antiga. Atualmente, representa, normalmente, um pátio na entrada de uma casa ou prédio, como um grande salão de recepção.

objetos de uso pessoal e alimentos para o morto, pois acreditavam que de algum modo ele continuaria vivendo. Logo após um rigoroso luto de 9 (nove) dias iniciado pela família, eram realizados alguns sacrifícios de animais e os parentes mais próximos do falecido não participavam de festas nem utilizavam roupas de cor branca ou de tons mais claros durante algum tempo.

Já os sepultamentos na idade média, que são as formas de velório e sepultamento que conhecemos nos dias atuais, há registros da época do seu começo por volta de 1800 em que os familiares e amigos se portavam diante desse momento de perda, em sua maioria, os velórios eram repletos de gritarias, choros e desmaios devido ao forte momento sentimental e emocional. Com a ingestão de bebidas alcólicas (beber o defunto) os povos usavam para tomarem essas bebidas em recipientes (copos, canecos, etc.) feitos com materiais como o estanho<sup>24</sup>, metal esse que é usado para produzir diversas ligas metálicas utilizadas para recobrir outros metais para os proteger da corrosão. O estanho é obtido principalmente do mineral cassiterita, onde se apresenta como um óxido. É um dos metais mais antigos conhecidos, e foi usado como um dos componentes do bronze desde a antiguidade.

Portanto, ao ingerirem bebidas alcoólicas nesses copos e/ou recipientes, ao entrarem em contato com esse metal, causavam efeitos colaterais por vezes ocorria a *narcolepsia*<sup>25</sup>, que é um distúrbio crônico do sono que causa sonolência diurna em excesso, devido aos efeitos dessa mistura. Com isso, aos que sofriam desse efeito colateral, para ter certeza se o indivíduo estava vivo ou havia falecido, os familiares e amigos o deixavam sobre uma mesa ou cama, aguardando durante alguns dias a certeza do que havia ocorrido. Perpassando pelos estigmas religioso e científico, em que segundo as crenças, o ato de acender uma vela ajudará a iluminar o caminho do falecido, auxiliando a alma a deixar o purgatório e encontrar a Salvação, enquanto na ciência aborda que como não existia energia elétrica na época para iluminar o ambiente onde estava o suposto falecido, seguravam velas por todo o local para que ficasse iluminado. Acredita-se que devido a esse fato tenha surgido o termo “velar o corpo”, expressão usada nas cerimônias de velório que conhecemos atualmente, realizada diariamente em diversos velórios por todo o Brasil.

---

<sup>24</sup> **Estanho:** Elemento químico de símbolo Sn, derivado do latim *Stannum*, com número atômico 50 (50 prótons e 50 elétrons). Possui massa atômica de 118 710 u.<sup>[1]</sup> Está situado no grupo 14 ou IVA da classificação periódica dos elementos. É um metal prateado, maleável, sólido nas condições ambientais, não se oxida facilmente com o ar e resistente à corrosão.

<sup>25</sup> **Narcolepsia** é uma perturbação neurológica crônica caracterizada pela diminuição da capacidade de regulação do ritmo de sono e de despertar. O sintoma mais comum é sonolência excessiva durante o dia, que pode ocorrer a qualquer hora e geralmente dura de alguns segundos a alguns minutos.

Na Inglaterra, no início, os sepultamentos eram parecidos com o formato que conhecemos na atualidade, há registros do seu começo apenas por volta do período Vitoriano, período esse marcado pelo ápice da Revolução Industrial e o fortalecimento da burguesia e da classe média. Período no qual a Rainha Vitória reinou sobre a Inglaterra, no século XIX, durante 63 anos, de junho de 1837 a janeiro de 190. Na Inglaterra, devido à grande pandemia que devastou a Europa no início desta época. Segundo o período vitoriano, período esse conhecido por suas demonstrações extremas de *luto* que de acordo com o dicionário Aurélio, a palavra luto significa o sentimento de pesar causado pela morte de alguém, e, em outro contexto, o modo pelo o qual expressa-se essa tristeza externamente, através do adorno de cores escuras.

No texto “Luto e melancolia”, Sigmund Freud (1917/1915/1996) definiu o luto como um trabalho que resulta em um “desinvestimento de catexias investidas no objeto amado”. Logo, o luto, é algo intrinsecamente ligado tanto com o interior tanto quanto com o exterior e a obsessão com morte. Neste período, os ritos fúnebres se tornaram práticas estruturadas, bem elaboradas e regradas, com entes queridos do falecido modificando toda sua vivência e rotina em função de tal morte. Descrito pelo historiador Philippe Ariès, o conceito de “morte do outro” Assim, Phillippe Ariès, em suas obras *Homem Diante da Morte*, 2000 e *História da Morte no Ocidente*, 2003, analisa esta angústia que o ser humano sente ao ser confrontado com a concepção da morte de entes queridos. Logo, o homem se esforça em tentar descobrir o verdadeiro significado da morte, perpassando pela incerteza sobre o destino de cada um, a imortalidade é recorrente nas obras literárias e no cotidiano do ser humano onde “ele”, o homem, acredita que se vai à algum lugar após morrer. Nesse contexto, segundo Morin, 1970, considera um paradigma perdido da natureza humana, uma complexa relação onde o homem enxerga a morte como uma espécie de vida que prolonga a vida individual (imortalidade), e essa ideia pressupõe. Segundo Morin apud Souza, 2003, faz um questionamento se o homem é adaptado ou não com relação a morte. Ele afirma que “o luto exprime socialmente a inadaptação à morte, mas, ao mesmo tempo, ele é este processo social de adaptação que tende a fechar a ferida dos indivíduos sobreviventes” (MORIN, 1997, p. 80).

Portanto, existe uma consciência realista da morte, embora ela não tenha um ser porque ninguém a conhece, ela é real, fazendo com que o homem acredite em uma imortalidade e que “ele”, o homem, é a única espécie que acredita na sobrevivência após a morte, e por isso, acompanha a morte com um ritual funerário. Segundo (MORIN, 1970, p. 26), afirma que: “não a ignorância da morte, mas, pelo contrário, o reconhecimento de sua chegada”.

Partindo dessa premissa, a realização desses ritos fúnebres estruturados permitiam a expressão externa de angústia de uma maneira aceitável pela sociedade em um ambiente no

qual emoções eram intensamente suprimidas, por ser a única via para tais sentimentos, o luto tomou proporções dramáticas e longas que em sua maioria os velórios eram repletos de gritarias, em sua maioria os velórios eram repletos de gritarias com o uso extenso e elaborado de vestimentas de luto (roupas pretas) devido ao forte momento sentimental e emocional. Como já comentado anteriormente, cada cultura tem um modo de ver a vida e também de se relacionar com a morte. Se as comemorações de vida são feitas de maneiras diferentes, ao mesmo momento de despedida de um ente querido também passa pela tradição de cada povo.

Na Alemanha, diferente do Brasil, a preparação do corpo pode durar dias ou até semanas, pois, depende-se também do calendário da funerária. Após a cerimônia, os familiares e amigos se reúnem em um restaurante para realizar uma espécie de confraternização fúnebre, que é chamada *Leichenschmaus*<sup>26</sup>, em alemão. Não comparecer ao evento é considerado desrespeitoso. Na Itália, assim como na Alemanha, existe uma confraternização em volta do funeral. Entre os italianos, geralmente, os funerais acontecem em casa e podem durar até uma semana. A intenção é que todos possam se despedir do falecido. Enquanto que na Rússia, o funeral é uma reunião alegre, com pessoas vestindo roupas coloridas.

No Japão por exemplo, os funerais acontecem em casa onde na cerimônia o que prevalece é o silêncio e o respeito. Nos Estados Unidos, na hora do sepultamento, é comum que parentes e amigos deixem no caixão objetos que indiquem sua relação com o falecido. Além disso, são rotineiras as homenagens, como um mural de fotos, para o ente querido. Assim como na cultura europeia, o corpo leva dias para ser preparado. A intenção é acalmar os familiares e dar oportunidade para quem está longe chegar ao local do enterro, após o velório, são comuns recepções com um buffet na casa dos familiares do falecido.

No México, a morte é vista como uma forma de libertar a vida das vaidades. No país, o Dia de Finados é comemorado com festa, com direito a festivais e fantasias da tradição indígena asteca, costumes que se unem às crenças católicas. Nesse contexto, a morte é encarada como como uma fase de um ciclo infinito. No país ora citado, a morte e festa caminham de mãos dadas. Há registros de que, há pelo menos 3 mil anos, as civilizações pré-hispânicas celebravam a passagem para o mundo espiritual dessa forma. No Brasil, por volta do século XIX as formas em que realizavam os velórios e sepultamentos, eram bem diferentes das que conhecemos na atualidade. Os sepultamentos eram realizados dentro de igrejas, sendo uma das formas mais honradas para a época, feitas em sua maioria ao falecimento de famílias nobres e bispos da

---

<sup>26</sup> Uma festa fúnebre, do latim *epulum funebre*, é o jantar comunitário dos enlutados após um funeral, que é organizado pela família do falecido. Este costume mundial já era conhecido em tempos pré-históricos e é o ritual mais difundido em funerais em comparação intercultural.

igreja enquanto as famílias menos abastadas eram sepultadas em valas comuns, próximas às igrejas, sendo até mesmo colocados corpos sem caixões por cima de ossadas dos defuntos que por ali estiveram. Hoje no Brasil, realiza-se os velórios nas residências dos próprios familiares do falecido, normalmente com duração de um a dois dias, a família “vela” o corpo na residência recebendo as visitas de pessoas próximas ao falecido, para somente depois ocorrer o sepultamento.

### 3.2 RITUAIS FÚNEBRES NO BRASIL

No Brasil, os ritos fúnebres são compostos por uma diversidade de dogmas. Desta feita, existe diferentes tipos de cerimônia de sepultamento respeitando as crenças e a fé de cada família. As religiões, por vezes, estão diretamente ligadas à cultura pelo fato do nosso país ser um Estado laico, uma mistura de etnias. Logo, muitos países acabam tendo pessoas de diversas religiões de culturas totalmente diferentes, as civilizações desenvolveram suas próprias maneiras de lidar com a morte e interpretá-la, de se despedir e homenagear entes falecidos. Desta feita, cada religião ou *dogma*<sup>27</sup> age de uma forma não possuidora de características que denotam igualdade diante da morte, isso traz uma importância diferente. Por exemplo, os católicos acendem velas e rezam por seus mortos para ajudá-los a ir para o paraíso, enquanto os evangélicos além da ausência de velas, veem a cerimônia de velório como um momento para consolar a família e prestar apoio. Partindo desse pressuposto, há uma perspectiva psicológica sobre uma cerimônia de falecimento. Como ora exposto anteriormente a transição entre velório e sepultamento, existe um ritual de suma importância para a elaboração do luto e a aceitação da perda.

Assim, mesmo quem não tem uma religião pode ver o velório como um momento despedida. Pois, para cada religião, crença ou dogma, existe um motivo diferente para realizar o cerimonial de sepultamento. Por exemplo, temos no catolicismo costumam realizar o velório e o sepultamento logo em seguida tentando desenvolver esse processo em 24 (vinte e quatro) horas pós-morte. Além disso, é comum realizar missas e entoar cantos, o uso de cruz e velas, bem como a presença de um padre pode estar presente para fazer rezas que permitam que o corpo se prepare para a vida eterna. Já o Protestantismo, mais conhecido evangélico, existem alguns pontos semelhantes com a religião católica. Como já frisado anteriormente, existe a presença de um pastor para pregar a palavra, mas, não se acendem velas nem é colocada a cruz

---

<sup>27</sup> **Dogma** é um termo de origem grega que significa literalmente “**o que se pensa é verdade**”. Na antiguidade, o termo estava ligado ao que parecia ser uma crença ou convicção, um pensamento firme ou doutrina.

no velório. No entanto, “eles” os evangélicos, acreditam que não há purgatório, apenas céu e inferno.

Logo, após a morte, a alma do indivíduo fica adormecido até a volta de Jesus Cristo, momento esse que no dia do arrebatamento haverá a separação entre os que vão para o inferno e os que vão para o céu de acordo com o julgamento. Os praticantes da Testemunha de Jeová costumam realizar a cerimônia do funeral na própria igreja, chamada de “Salão do Reino das Testemunhas de Jeová” e é aberta ao público. No momento do velório, também é lido o texto da Bíblia que explica sobre a morte e sobre a ressurreição para a vida eterna. Além disso, há cânticos baseados na bíblia bem como são feitas orações para consolar os familiares. Segundo a Bíblia Sagrada em Romanos 6:23 diz: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, Nosso Senhor”.

O candomblé, uma das religiões mais praticadas no Brasil é uma religião que não acredita que a morte seja o fim, mas sim uma transição, um rito de passagem para que o espírito se desprenda do corpo. Assim, há um rito dividido em várias etapas justamente para que esse desprendimento ocorra. Logo após esse ritual, ocorre a cerimônia de sepultamento, quando cantos da crença são entoados para que o espírito do falecido retorne ao seu lugar de origem. Esse ritual é renovado a cada ano e repete-se mais três vezes após o primeiro. Semelhante ao candomblé, o espiritismo acredita que a morte não é o fim, apenas faz parte de um ciclo. Para eles, a morte (ou desencarne) é a passagem deste mundo para o outro, os velórios têm preces (rezas) para a busca do equilíbrio, pois os praticantes acreditam que a pessoa desencarnada poderá continuar presente até entender o que está ocorrendo. Assim, o indivíduo deixa o corpo físico para viver como espírito em outro mundo até o momento de reencarnar de novo. Também para eles “os espíritas” têm-se como rito a não aclamação pelos mortos, sem sala de velório pois acreditam a ato de clamar o morto dificulta sua passagem para outro mundo. Segundo eles, a reencarnação tem o objetivo de permitir e aprimorar a evolução de cada pessoa.

Outra crença não muito divulgada no Brasil é o anglicanismo, onde no cerimonial de sepultamento coloca-se a urna funerária (caixão) na igreja no dia anterior ao sepultamento e ocorre a vigília durante a noite, presidida pelo presbítero ou bispo que nesse momento ocorre a *eucaristia*<sup>28</sup>, momentos esses semelhantes ao ritual Católico. Os mórmons, a cerimônia de

---

<sup>28</sup> SUBSTANTIVO

1. Sacramento central da Igreja, consoante o qual, através das palavras pronunciadas pelo padre, pão e vinho se transubstanciam, respectivamente, no corpo e sangue de Cristo. 2. ação de graças. 3. ponto culminante do culto, em que se dá a celebração desse sacramento com a fração da hóstia sagrada; banquete sagrado, pão da alma, pão dos anjos

falecimento é realizada da maneira prescrita pela igreja em que o indivíduo praticava. A religião não incentiva a cremação, mas permite, desde que se o corpo de um praticante for cremado, deve seguir as orientações da igreja sobre o local em que as cinzas serão guardadas. O judaísmo, pouco presente, mas existe no Brasil, se utilizam da cerimônia de velório para reunir a família, amigos e pessoas próximas para exaltar as qualidades do falecido e as boas ações ora tenha praticado durante a vida. Também costuma-se fazer orações em seu nome. Face ao desrespeito para com o falecido é proibida a abertura da urna funerária, ou seja, mantém-se o caixão fechado. Além disso, diferente de outras religiões, os participantes do funeral não podem ouvir música, cantar, beber ou comer nada. O corpo não pode ficar só e durante o velório é feita declarações sobre o falecido enquanto é feita a leitura de salmos. Após 11 dias de falecimento é colocada uma lápide comum *epitáfio*<sup>29</sup> e durante a cerimônia o túmulo fica coberto com um pano preto e pequenas pedras em volta.

Assim como o judaísmo, o hinduísmo faz a cerimônia do velório as partes mais importantes para a religião são a preparação do corpo logo após o falecimento e posterior cremação. Na Índia por exemplo, costuma-se jogar pétalas de margaridas, rosas e jasmim sobre o falecido ao mesmo tempo rodeá-lo 3 (três) vezes, pois, esse número é considerado sagrado para a religião onde se representa um ciclo completo de sua existência representada pelas divindades *Brahma, Shiva e Vishnu*<sup>30</sup>. Nesse contexto, os praticantes de tal religião podem deixar cartas sobre o falecido onde se faz o pedido que sua alma encontre a luz. No oriente médio, os praticantes do islamismo sepultam seus falecidos o quanto antes. Eles, os muçulmanos, fazem um breve velório, as mulheres mantêm a cabeça coberta, mas, não necessariamente é tradição o uso do preto. Nesse meio termo, pode-se permitir música e orações próximo ao *féretro*<sup>31</sup> para que o ente querido encontre o caminho da paz. Essa tradição é vista como uma etapa intermediária entre a preparação do corpo e o sepultamento ao passo que a família resolve as questões burocráticas sobre o sepultamento aguardando a presença de amigos.

Também existente no Brasil, o budismo conta com ritos diversos no oriente, mais precisamente nos países asiáticos onde se celebra a memória do falecido após 7 (sete) dias onde se promove um encontro entre os familiares, e a cada 7 (sete) dias faz-se outras reuniões. Logo,

---

<sup>29</sup> Inscrição sobre lápides tumulares ou monumentos funerários.

<sup>30</sup> Brahma, Shiva e Vishnu são os “guna-avatars”, ou seja, as encarnações responsáveis, por cada um desses três modos da natureza material. Brahma é o guna-avatar do modo da paixão. Ele é normalmente um jiva como eu e você, porém, às vezes, na falta de alguém qualificado, Krishna mesmo ocupa o posto como uma de Suas expansões.

<sup>31</sup> Caixa de grandes dimensões, comprida, onde é colocado o cadáver de algum falecido que vai ser enterrado; caixão ou caixa mortuária; do mesmo significado de ataúde ou esquife: conduziram o féretro até ao local do sepultamento

a cada 7 (sete) dia, 7 (sete) reuniões, perfazendo um total de 49 (quarenta e nove) dias. No Japão por exemplo, a tradição é correlacionada à celebração de Obon que é feriado nacional para celebrar os mortos no País ora citado. A importante comemoração budista é realizada por três dias durante o verão nipônico, geralmente, entre os dias 13 a 16 do sétimo mês no calendário solar (Shichigatsu-bon), ou por volta de 15 de Agosto e no calendário lunar (Hachigatsu-bon). Enquanto no Brasil, o culto aos mortos, comemora-se em 2 de novembro (finados). Para isso, no Japão, as famílias enfeitam as áreas ao ar livre, parques, bosques e os templos com lanternas coloridas e velas dançando os ritmos tradicionais nipônicos para homenagear aqueles que partiram.

### 3.3 CEMITÉRIOS INFANTIS

Partindo das premissas correlacionadas à História da morte, velórios e sepultamentos ora mencionadas acima, chama-se a atenção para a compreensão dessa História da morte a partir das coletivas atitudes coletivas dos vivos diante da vida e da morte, tomando como referência os modos pelos quais “eles”, os vivos, percebem e vivenciam o problema do fim da vida humana. Obtendo assim um simbolismo religioso para diversas, crenças e dogmas. Transcendendo assim, como um fenômeno biológico e insere-se, também, como uma experiência social e cultural.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso direciona-se a atenção às memórias acerca do cemitério infantil e em específico o cemitério do povoado Monte Pio na cidade de Pinheiro/MA, cidade essa a 360 km da capital São Luís, localizada na baixada maranhense.

Na Romênia, por exemplo, antes mesmo da chegada do cristianismo a quase 2 mil anos atrás, em uma pequena vila remota de Sapanta (Sapantza), numa região chamada Maramures, perto da fronteira da Romênia com a Ucrânia, existe um cemitério bem peculiar e único em todo o mundo. Trata-se do *Merry Cemetery*, conhecido também como o “cemitério feliz”, onde existem mais de 700 lápides onde são decoradas com cruces de madeira coloridas, com traços infantis e com um pequeno resumo da vida do falecido, muitos em versos engraçados. Mais do que uma questão estética, o cemitério feliz mostra que os moradores de Sapanta tem um jeito diferente de encarar a morte e até de brincar com ela.

Nessa peculiar construção, a princípio, percebe-se a inexistência de visibilidade histórica acerca do cemitério infantil daquela localidade. Lugar fadado ao esquecimento, a pesquisa em epígrafe, referencia-se aos enterramentos de crianças no cemitério Monte Pio, popularmente chamado de “*cemiterinho*”. Campo santo esse, hoje abandonado e sem qualquer

vigilância, controle ou qualquer acompanhamento por parte do poder público. Logo, a fundamentação deste trabalho é analisar e dar visibilidade à essa construção e da breve vida de algumas das crianças enterradas ali já que esta construção encontra-se em elevado estágio de deterioração, devido às condições de abandono a que estão submetidos. Nesse segmento, dá-se destaque o sentido de temporalidade. Neste trabalho, procuramos debater os conceitos norteadores acerca da percepção sensorial ao ponto de considerá-lo como espaço de paisagem artística e espaço de memória. Ora todos relacionados, busca-se debater a importância de um ponto histórico daquele povoado, das atitudes diante da morte no mundo e no contexto brasileiro, mais especificadamente no povoado Monte Pio na região do Gama na cidade de Pinheiro-MA.

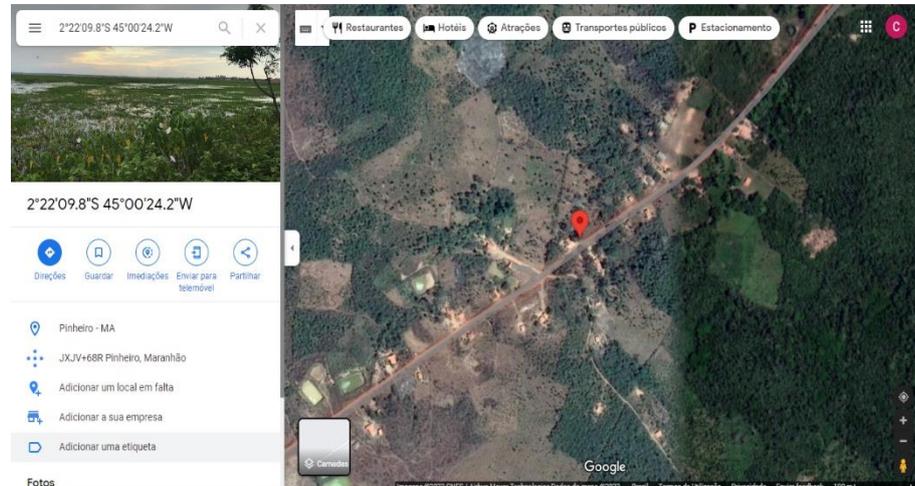
Encontraremos neste tópico experiências e percepções que corroboram os pontos que debatemos ao nos engajar no âmbito do cemitério, fazendo dele não apenas a casa dos mortos, mas, como também a casa dos vivos através da aproximação necessária do contato. Percebe-se então que se refletir acerca do esquecimento da memória perante a presença ou não dos signos materiais, considerando tudo que fora abordado nos caminhos dessa pesquisa. A História do cemitério infantil de Monte Pio mais conhecido como cemiterinho salta a memória e mantém viva por estar em contato durante esse período com uma materialidade que muitas vezes não só é negligenciada pelo poder público, mas, pela própria comunidade local que aprendeu a afastar a morte e seus aspectos. Estudando a morte, sua materialidade e seus espaços, a partir da experiência humana e da memória do cemiterinho, permitiu abrir uma discussão acerca daquela sociedade, como ela se relaciona com um tema que pode ser considerado “macabro” e “exótico”, mas que diz respeito à um momento incontestável que é o fim da vida, e como aprendemos a afastá-la ou abraçá-la.

### 3.3.1 Povoado Monte Pio e o Cemitério infantil (cemiterinho)

Localizado na região do Gama, região essa de chapada, sob as coordenadas 2°22'09.8"S 45°00'24.2"W entre os municípios de Pinheiro e Central do Maranhão, a região supracitada é composta por aproximadamente 19 povoados pertencentes ao município de Pinheiro no Estado do Maranhão. O povoado Monte Pio fica a 38 km da sede, sendo 22 km de estrada de asfalto e 16 km de estrada de piçarra, segundo informações de moradores da localidade foi fundado na primeira metade do século XX, pois não há documentos comprobatórios que atestam uma data específica de sua fundação. Segundo relatos acerca do povoamento da localidade deu-se

basicamente a duas famílias que tinham propriedades rurais no povoado, as famílias Guterres e Ribeiro que povoaram esse lugar e que ainda em dias atuais têm descendentes no povoado.

**FIGURA 1:** Coordenadas geográficas do povoado Monte Pio



**Fonte:** <https://www.google.com/maps/place/2%C2%B022'09.8%22S+45%C2%B000'24.2%22W/>

Atualmente no povoado Monte Pio, existem 31 (trinta e uma) famílias e 210 (duzentos e dez) habitantes, tendo como principal atividade econômica a lavoura, a pecuária e a pesca, atividades essas de subsistência bem como os benefícios do governo como Bolsa Família, Auxílio Brasil, Vale Gás, etc. A predominância religiosa do povoado é o catolicismo, pois na comunidade há uma igreja católica construída por volta de 1970, segundo informações dos moradores, não sendo possível observar espaços físicos relacionados a outras denominações religiosas. Na localidade têm 2 (dois) poços próximos do cemiterinho, na residência de dona Gracileude, que fica a 100 metros de distância do cemitério e na residência de dona Maria Joana Leite, a 120 metros de distância respectivamente.

**FIGURA 2:** Estrada vicinal da entrada do povoado Monte Pio



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca debater as relações entre percepção sensorial, memórias e paisagem no ambiente mortuário do povoado Monte Pio da região do Gama na cidade de Pinheiro-MA no contexto de relacionar memórias e sentidos dentro de uma abordagem da fenomenologia permitindo debater sobre outras esferas que podem compor essa mesma relação e que fazem parte da experiência humana. Com base na arqueologia sensorial e na ideia que as essas memórias fazem parte de uma relação comunicativa e dinâmica com nossa percepção daquele lugar, tomamos como objeto da pesquisa o cemitério infantil do povoado Monte Pio, mais conhecido como cemiterinho. Adentrando à esse espaço funerário, localizado no centro do povoado, percebemos que as performances que executamos neles são diferenciadas a partir dos aspectos sensoriais que a morfologia de cada paisagem nos dá, além dos eventos mortuários que alteram nossos encontros com essa materialidade. Desse modo, as memórias nos fazem refletir acerca de conceitos sobre a morte a partir das características sensitivas e emocionais.

**Figura 3:** Cemitério Infantil do povoado Monte Pio limpo (capinado)



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

Construído aproximadamente na segunda metade do século XX para acolher as crianças mortas daquela comunidade e por conseguinte, embora que esses povoados vizinhos têm cemitérios convencionais, começou a receber os anjinhos dos povoados vizinhos tais como os povoados Ponta Seca e São Joaquim. A velha necrópole, localizada a aproximadamente 38 km da sede da cidade de Pinheiro no Estado do Maranhão, no cemitério do povoado Monte Pio, às margens da MA 006 sentido Pinheiro-MA à Central do Maranhão em suas dezenas de túmulos, especificamente 28 (vinte e oito) construções catalogadas, construções essas simples, mas, visíveis, há também, segundo os moradores e as informações relevantes da Sra. Raimunda Ferreira de 80 nos, uma das mais antigas moradoras do povoado, muitos pontos onde houveram

enterros que os familiares não marcaram a localização, com o passar do tempo não foi mais possível encontrar o ponto exato do sepultamento, desse modo aproximadamente 20 (vinte) sepulturas não foram catalogadas, os pontos que não foram encontrados são dos sepultamentos realizados antes de 1970. Os sepultamentos foram realizados de maneira convencional, onde é feita a escavação de uma cova de aproximadamente 1,20 metros de profundidade com medidas de largura e comprimento proporcionas ao tamanho da urna mortuária (caixão), esse tipo de sepultamento é o mais comum na cidade de Pinheiro e o único praticado no cemitério infantil do povoado Monte Pio.

A partir das informações prestadas por moradores do povoado, alguns parentes de crianças enterradas no “cemiterinho”, outros vizinhos e amigos, têm-se a breve História de vida de vários cidadãos pinheirenses, Histórias essas que foram compartilhadas por antigos moradores da região. Como citado anteriormente, não se sabe ao certo o número exato de sepultamentos naquela construção, se todos os *anjinhos*<sup>32</sup> do cemitério em epígrafe morreram vítimas de doenças decorrentes da pobreza extrema tais como fome e desnutrição, por doenças que não eram prevenidas com vacinas ou por algum infortúnio de acidentes domésticos como queda de árvore, afogamento, incêndio, acidente com arma branca ou arma de fogo em casa tanto quanto algum atropelamento nas proximidades, os comunitários confirmaram que o cemitério ainda está apto a receber sepultamentos de crianças, caso haja necessidade.

Segundo relatos de antigos moradores da localidade, afirmam que o cemitério representa o mais antigo e em atividade. O cemiterinho é visitado com pouca frequência, apesar de estar situado no centro do povoado, o primeiro sepultamento no cemitério do povoado de Monte Pio mais conhecido como *cemiterinho* não se sabe ao certo a quem coube a tarefa de inauguração, o que remonta a criação do *cemiterinho* à época de desvinculação dos cemitérios de dentro das igrejas e o período de secularização da morte. Partindo dessa premissa, segundo relatos de antigos moradores da localidade, os sepultamentos de apenas crianças foi para diferenciar os anjinhos dos adultos, pois os faliões acreditam que eles (os adultos) são impuros.

O primeiro caso coletado foi o da senhora Maria da Luz Nogueira Câmara, 64 anos, antiga moradora do povoado Boa União, povoado esse vizinho do povoado Monte Pio, ela (a entrevistada) informou que tem 2 (dois) filhos sepultados no cemiterinho, um filho de 5 (cinco) anos e outra filha de 4 (quatro) anos respectivamente. Em 1983, o duplo falecimento se deu ao incêndio na residência onde viviam em uma casa de taipa coberta de palha. Enquanto deixou as

---

<sup>32</sup> Anjinho: substantivo masculino, diminutivo de anjo, (Figurado) criancinha morta. Criança encantadora, indivíduo que se faz de inocente. Ir para os anjinhos, morrer. Definição de Anjinho: Classe gramatical: substantivo masculino Separação silábica: an-ji-nho.

duas crianças deitadas na rede, foi ao comércio próximo à sua residência comprar mantimentos e ao retornar, a casa estava em chamas, o desespero tomou conta de populares e vizinhança, pois o fogo tinha consumido toda a casa com as duas crianças dentro. Após o sepultamento, Ela (a entrevistada) mandou construir um quadro de tijolos, chamado de sapata, para demarcar o local. Logo, a única homenagem que ela faz aos filhos é ajudar limpar o cemitério próximo do dia de finados, 02 de novembro e ascender velas.

**FIGURA 4:** Maria da Luz Nogueira Câmara



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

Segundo a dona Maria da Luz Nogueira Câmara, a entrevistada do segundo caso, relata que com o abandono, a falta de manutenção e com o passar do tempo, além do mato alto, desabou uma árvore, uma castanheira grande e muito antiga na lateral direita do cemitério e ficando sobre alguns túmulos, inclusive na sepultura dos filhos dela, já que os dois foram enterrados juntos conforme figura abaixo.

**FIGURA 5:** Árvore (castanheira) caída no cemitério



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

No segundo caso, foi sepultado o corpo do anjinho de aproximadamente 08 (oito) anos, Carlos Ribeiro, filho de da Sra. Regina da Conceição Ribeiro, a criança veio a óbito depois de várias semanas apresentar febre alta, vômito, dor na cabeça e na nuca, rigidez no pescoço, confusão mental, tais sintomas são semelhantes as características do que cientificamente conhecemos hoje como meningite, os familiares do menino imaginavam que era apenas infecção no intestino, não recorrendo ao hospital, por julgarem que não seria necessário, ofertaram remédios caseiros, com base no conhecimento empírico, os chás de ervas faziam e fazem parte do cotidiano da comunidade, sempre foi comum as pessoas recorrerem as plantas medicinais para tratarem seus problemas de saúde. Depois de algumas semanas sem apresentar melhora, o pequeno Carlos veio a óbito. A mãe, dona Regina da Conceição afirma que seu filho morreu de “doença de criança” e que ela deveria ter levado ele para o hospital logo no início dos sintomas, a morte de crianças com esses sintomas era frequente no povoado Monte Pio e povoados vizinhos, mas geralmente as crianças acometidas da “doença de criança” tinham entre 01 e 03 anos de idade, os familiares e amigos da comunidade ficaram inconformados, pois o menino já estava grande e não era comum morrer crianças dessa idade com esses sintomas. O corpo foi sepultado no cemiterinho do povoado ora citado em um momento de muita comoção dos familiares e toda a comunidade.

O terceiro caso, o senhor Afonso Ribeiro Viegas, 67 anos, lavrador e sua esposa a senhora Maria Joana Leite, 68 anos, lavradora enterraram 3 (três) filhos no cemitério supra citado, 2 meninos e 1 menina, sendo que o primeiro morreu com apenas 3 (três) meses de vida, em casa, pois, como já citado anteriormente, era difícil na época levar para o hospital. O

segundo filho morreu com 7 (sete) dias de vida da mesma forma que o primeiro. Esses dois primeiros morreram de “doença do ar”, o que conhecemos hoje por paralisia infantil ou poliomielite, tiveram febre alta, vômitos, diarreia, dor na cabeça e dor no corpo. Já o terceiro filho morreu com 3 (três) anos de idade, Jaciara de Jesus Leite sofreu queimaduras na região do abdômen e tórax causados por café quente, foi levada para o hospital Nossa Senhora das Mercês, em Pinheiro, atual Materno Infantil, o médico disse que a menina teve queimadura de 1ª grau na pele, receitou remédio para cicatrizar. “Depois que ela se queimou eu levei ela no hospital de Pinheiro, o médico disse que afetou só a pele e passou um remédio para sarar as feridas, mesmo depois de sarar todas as queimaduras, minha filha sempre se queixava de dores no peito e na barriga, eu nunca imaginei que fosse por causa da queimadura do café quente, seis meses depois ela sentiu uma dor muito forte no estômago e morreu em casa mesmo, eu enterrei ela no cemiterinho porque lá só tem criança e os outros cemitérios são muito longe”, relata dona Maria Joana Leite muito emocionada, pois apesar de ter passado muitos anos, ela ainda chora a morte da filha que morreu por motivo que ela (dona Joana) considera simples e que poderia ser evitado.

As mortes aconteceram em 1980 e 1983, dona Maria Joana Leite morava no povoado Paraíso, localizado a 5 km do povoado Monte Pio. Atualmente Dona Maria Joana mora no povoado Monte Pio, sua residência fica aproximadamente 120 metros do cemitério.

Com pouca repercussão, o quarto caso é relatado pela senhora Faustina Barros, 70 anos, moradora do povoado Monte Pio a 50 anos, enterrou sua filha, Maria Josélia de apenas 6 (seis) meses de idade no cemiterinho, sepultou no cemitério motivada pela creça de que o local é santo, pelo fato de ter só tem crianças enterradas e porque os outros cemitérios são muito distantes, no povoado Ponta Seca e São Joaquim, o sepultamento aconteceu em 1979, por ainda haver poucos moradores no povoados, o falecimento da menina não foi muito comentado. Dona Faustina tinha 04 filhos antes, para ela, sua filha morreu de “tosse braba”, os sintomas são semelhantes aos sintomas de coqueluche, dona Faustina disse que a filha estava gripada, sentiu febre, tosse seca, mal-estar, começou a respirar com dificuldade, ficou agoniada e morreu em casa mesmo, dona Faustina conta que na época, era difícil encontrar transporte para se deslocar para Pinheiro, devido a distância e as péssimas condições das estradas.

**FIGURA 6:** Sra. Faustina Barros

**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

No quinto caso, a senhora Maria Amélia Ribeiro Barros, 39 anos, nasceu no povoado Monte Pio onde tem a sua filha sepultada no cemitério infantil, filha essa que morreu 1 (um) dia depois de nascida, nasceu e morreu no hospital Nossa Senhora das Mercês em Pinheiro, o atestado de óbito comprova que o *neonato*<sup>33</sup> teve duas paradas cardíacas. Dona Maria Amélia não havia feito acompanhamento médico durante a gravidez, as gestantes da época não realizavam o pré-natal, esse era uns dos fatores que ocasionava o alto número de mortalidade infantil no século XX em toda a região. O fato ocorreu em 2013, Maria Vitória foi a última criança sepultada no cemiterinho, dona Amélia optou por não enterrar sua filha recém nascida junto com adultos e também porque os outros cemitérios da região ficam muito distante.

Dona Amélia relata ainda que foram sepultados 2 (dois) de seus irmãos no cemiterinho, eles eram mais velhos do que ela, ela não sabe ao certo a idade e nem o motivo da morte dos dois, sua mãe, já falecida Dona Berta do Espírito Santo Ribeiro, quando viva sempre mandava os parentes ajudar na limpeza do cemitério e sempre comparecia para ascender velas para seus filhos no dia de finados. “tem três pessoas da minha família enterradas no cemiterinho, um casal de irmãos e a minha filha que foi enterrada por último, depois da morte da minha filha não teve mais morte de criança aqui no povoado”, responde dona Maria Amélia ao ser perguntada se ela tem parentes sepultados no “cemiterinho” do povoado onde reside.

---

<sup>33</sup> Segundo a medicina é o ser humano considerado desde o dia de seu nascimento até o 28º dia de vida

**FIGURA 7:** Sra. Maria Amélia



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

No sexto caso, temos a senhora Rosário Ribeiro Pereira, 57 anos, mora no povoado desde 1990 que perdeu sua filha, a segunda de sua prole, também neonato, nasceu prematura aos 8 (oito) meses de gestação, nasceu e morreu no mesmo dia, dona Rosário não sabe a causa da morte, pois ela não foi para o hospital, o parto aconteceu em casa mesmo, como era de costume as mulheres dar à luz em casa, sendo acompanhadas por uma parteira ou apenas seus familiares, o fato aconteceu no dia 16 de maio de 1991, dona Rosário Ribeiro teve mais um filho, após o triste ocorrido.

**FIGURA 8:** Maria do Rosário Ribeiro, dia de finados



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

Percebe-se então que Histórias como essas estão morrendo, não são apenas túmulos, são pedaços de Histórias de famílias em ruínas, pois muitos desses túmulos nunca passaram por manutenção, há cruzes e jazigos cobertos pela vegetação no qual nem os próprios moradores do povoado tem a predisposição em limpar. Dentre os inúmeros relatos, temos a História do Sr. Antônio José, 75 anos, mais conhecido como Zequinha, antigo morador do povoado, quase o guardião do cemitério, segundo ele, tem dois filhos enterrados no cemiterinho, o mesmo afirma que o espaço não é visitado regularmente, apenas em datas especiais como aniversário e/ou dia de finados. Pois, a maioria dos familiares das crianças falecidas ora sepultadas naquele local, pelo fato de já se passarem décadas, já se mudaram para outros Estados ou municípios do nosso próprio Estado, ficando impossibilitados que por motivos de força maior não podem visitar seus entes queridos.

O cemitério de Monte Pio hoje vive à margem do abandono e é um lugar desconhecido da grande maioria das pessoas da comunidade pinheirense, o *cemiterinho*, para historiadores, é museu a céu aberto. Sua lista de predicados é extensa. Ora esquecido, o único museu da região, com esculturas funerárias simples e sem adornos abriga aproximadamente 28 sepulturas e aproximadamente 20 não catalogadas pelo fato de não ter nenhuma demarcação. Conforme (FIGURA 9 e FIGURA 10), o cemitério supracitado está em completo abandono, descaso e desrespeito. O local está tomado pelo mato e lixo. Sepulturas estão abandonadas e destruídas e qualquer um pode entrar quando quiser e a hora que quiser, não há fiscalização ou segurança", reclama também outra moradora entrevistada a senhora Maria Joana Leite, que mora próximo ao cemitério. É unanimidade entre os comunitários em dizer que desconhecem a presença de algum agente público vinculado à prefeitura de Pinheiro interessado em assumir a administração do cemitério, visto que nunca houve um responsável pelo local.

**FIGURA 9:** Cemitério infantil de Monte Pio coberto de mato



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

**FIGURA 10:** Cemitério infantil de Monte Pio coberto de mato



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

### 3.3.2 Reverências às crianças sepultadas no cemiterinho de Monte Pio

Túmulos sem nomes, não há lápides, outros espaços com apenas cruzeiros, não há sinal de saúde no cemitério de Monte Pio e sim aparenta sinais de abandono, coberto pelo mato, parentes dos anjinhos ora sepultados no local funerário, segundo informações dos próprios moradores do povoado em epígrafe aparecem 1 (uma) vez por ano para fazer a limpeza, dias antes do dia 02 de novembro que corresponde ao dia de finados no Brasil. Localizado às coordenadas 2°22'09.8"S 45°00'24.2"W, ele, o local de fundação com aproximadamente 4000m<sup>2</sup>, o cemitério destinado a sepultar apenas crianças do povoado Monte Pio e povoados vizinhos não se sabe ao certo a data, mas, foi doado pelo Sr. Pedro Amengol, em decorrência do alto número de mortalidade infantil no povoado Monte Pio e comunidades vizinhas, sensibilizado com tal situação, o Sr. Pedro destinou uma pequena fatia da sua propriedade rural para sepultar apenas crianças que foram a óbito pelas mais variadas circunstâncias, o local foi verbalmente doada, pois não foi registrado em cartório, mas o Sr. Pedro Amengol, informou aos seus faliães e a toda a comunidade de Monte Pio que, a partir de então o local demarcado seria um cemitério destinado a enterrar apenas crianças, o local é demarcado com cerca de arame e tem um pequeno portão de madeira sem retrancas onde qualquer pessoa pode acessar, mesmo depois do falecimento do Sr. Pedro Amengol, os familiares continuam respeitando a vontade do ansião.

O cemitério dos anjinhos, campo santo dos inocentes mas, para muitos, simplesmente cemiterinho de Monte Pio, escondido em um povoado cerca de 16 km de estrada vicinal de piçarra às margens da MA 006 sentido Pinheiro-MA à cidade de Central do Maranhão, terreno situado no centro da comunidade, no espaço funerário entre as sepulturas que estão aparentes no cemitério supracitado, há também uma sucessão de covas não demarcadas, informações cedidas por populares, todas ocupadas apenas por crianças com menos de oito anos de idade.

Ser pagão ou não, nunca foi o critério para estar enterrado no cemiterinho. Todos os ‘anjinhos’ ora sepultados naquele espaço funerário morreram vítimas de doenças decorrentes da pobreza extrema como fome e desnutrição, outros nascidos mortos ou por algum infortúnio de doenças, muito comum na época como coqueluche, difteria, meningite, poliomielite, rubéola, malária, bem como acidentes domésticos como queda de árvore, afogamento, incêndio, acidente com arma branca ou arma de fogo em casa tanto quanto algum atropelamento nas proximidades. Os pais desses anjinhos, pessoas simples, humildes, *desabastadas*<sup>34</sup>, não tiveram dinheiro para construir uma sepultura condizente ao sepulcro. O local, com algumas sepulturas simples, é um lugar relegado ao esquecimento, num cenário marcado de desigualdade social, a exemplo da vida de cada uma das crianças ora ali enterradas.

Em aparente estado de abandono, no espaço funerário, existe uma vegetação selvagem predominando no ambiente. Não há sinal de mão humana cuidando constantemente do local, regado as muitas folhas, muito mato e as pouquíssimas flores que brotam aleatoriamente pelo terreno, totalmente divergente do que ocorre em outros espaços funerários da cidade de Pinheiro-MA. Sem administração pública desde a sua fundação, o único sinal de vida é proporcionado pela própria natureza e uma vez por ano pela mão humana apenas para visitas na data de 02 de novembro que corresponde à finados. Fora essa data, é silêncio total e abandono.

As dezenas de sepulturas espalhadas pelo espaço sepulcral não estão adornadas com fotos, epitáfio, flores, brinquedos, chupetas e/ou lembrancinhas, nada disso existe no local. Os ‘anjinhos’ morreram invisíveis e assim se perpetuam na História do cemitério até o dia 02 de novembro quando alguns parentes chegam para visitas dos túmulos. Fundado na segunda metade do século XX por moradores daquela localidade para melhorar as condições de distanciamento, o cemitério mais próximo do povoado Monte Pio ficava cerca de 10 km. Logo, como eram apenas crianças e por causa dos cultos tradicionais em não enterrar os puros junto com os impuros tiveram a ideia e sensibilidade de fundar o cemitério de Monte Pio, espaço esse

---

<sup>34</sup> Desabastado: Que deixou de possuir abastança; que não é abundante nem farto.

exclusivo para crianças. Enquanto o cemitério de Monte Pio mais conhecido como cemiterinho vive à margem do esquecimento pelas autoridades da cidade de Pinheiro-MA, o local é um lugar desconhecido da grande maioria da população da cidade em epígrafe, o espaço funerário, carinhosamente chamado de cemiterinho por moradores da região é uma espécie de marca ou identidade pós-morte por parte de uns. Tristeza, desconforto, sem vontade seguir em frente pela perda, dificuldade de deixar o passado onde ele pertence, muitos preferiram mudar de cidade e até de Estado. O cemitério do povoado Monte Pio tem uma extensa lista de predicados. Um museu a céu aberto de espaços funerários em nosso país e específico na cidade de Pinheiro que nem o próprio cidadão pinheirense é conhecedor de tal espaço. Segundo pesquisas, o cemiterinho é único na região de Pinheiro e Municípios vizinhos que abriga o maior número de túmulos e covas específicas para crianças conforme figuras 11 e 12.

**FIGURA 11:** Cemitério infantil de Monte Pio capinado (limpo)



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

**FIGURA 12:** Cemitério infantil de Monte Pio tomado pelo mato



**Fonte:** Acervo pessoal Denilson Lacerda

O cemiterinho, poderia ser um espaço de constante a promoção visitas guiadas, passeios gratuitos acompanhadas por historiadores, pois, em países europeus é comum o *Cemetery Tours*, traduzido na língua portuguesa turismo em cemitério, que tem como foco principal a exploração do patrimônio artístico e arquitetônico considerando a História de cada anjinho ali sepultado, por não se ter nenhuma referência histórica de cada um deles. São crianças que ali, naquela localidade, nasceram e morreram eternizadas nas estatísticas oficiais de mortalidade infantil no Brasil. Mas, o cemitério, seja o cemiterinho de Monte Pio ou de qualquer outro lugar guardam pedaços da História. Passando a ser muito mais do que um lugar de descanso para entes queridos. Ele, “o cemitério”, ultrapassa suas funções de religiosidade ou ritualismo tanto quanto como um lugar sagrado para quem sepultou seu ente querido. Nesse contexto, torna-se ele também, um patrimônio arqueológico, histórico e cultural, religioso, social e filosófico.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cemitério infantil de Monte Pio, popular e carinhosamente chamado de *cemiterinho*, cemitério esse inusitado, contém muitos registros históricos de relevância familiar e elevada importância para a comunidade, mas também, um local advindo de vários problemas e reclamações. A área póstuma, que leva o nome do povoado, sediado a 36 km da cidade de Pinheiro no Estado do Maranhão, reúne um acervo de quase 50 túmulos. Mas, contudo, o que chama a atenção naquele espaço funerário é a área destinada a especificamente para crianças de 0 a 8 anos, crianças essas da mesma localidade tanto quanto das localidades circunvizinhas sem condições de construir um decente túmulo para o sepultamento. Nessa peculiar construção, a princípio, percebe-se a inexistência de visibilidade histórica acerca do cemitério infantil daquela localidade.

Lugar fadado ao esquecimento pelas autoridade competentes, referencia-se aos enterramentos de crianças no cemitério Monte Pio, popularmente chamado de “*cemiterinho*”. Campo Santo esse, invadido pelo mato, hoje abandonado e sem qualquer vigilância, controle ou qualquer acompanhamento por parte do poder público da cidade de Pinheiro-MA. O Cemitério de Monte Pio está em estado de abandono, existem buracos, muita sujeira, mato alto, árvore caída no meio do cemitério, em um estado de abandono que vem se agravando a cada dia que passa, há muito tempo necessita de cuidados, que na verdade precisam ser diários, para manter esse espaço mortuário adequado à visitação de familiares.

Essa  rea social não recebe a devida atenção e limpeza constantes, o mato cresce muito rápido, pelo menos é o que dizem alguns familiares de pessoas enterradas ali. Eles (os populares), reclamam desse mato alto e túmulos deteriorados pela a o do tempo. São aproximadamente 4000m<sup>2</sup> metros quadrados de área sem a devida manutenção em completo desamparo, descaso e desrespeito. A situação em que o cemitério de Monte Pio se encontra, tem deixado os moradores daquela comunidade incomodados. Eles, os moradores, vêm com frequência criticando a falta de atuação da administração municipal de Pinheiro no Estado do Maranhão.

Tomando como base, os relatos e depoimentos dos familiares e moradores do povoado Monte Pio, o cemitério infantil surge da alta demanda de sepultamentos de crianças na segunda metade do século XX, a falta de assistência do poder público aos mais carentes, a precariedade da saúde pública, a falta de vacinas para várias doenças que acometiam gestante e recém nascidos na época em questão, supostamente são fatores que ocasionaram o alto  ndice de mortalidade infantil na cidade de Pinheiro, inclusive no Povoado Monte Pio e circunvizinhos.

Desse modo, a formação do “cemiterinho” de Monte Pio, tornou-se imprescindível, devido a necessidade dos comunitários sepultarem seus filhos com dignidade.

Desde a sua fundação, não se sabe ao certo, segundo moradores foi na segunda metade do século XX. Ao longo dos anos no que se refere à conservação e manutenção do espaço público funerário supracitado, no caso do cemiterinho é comum ver a limpeza apenas no período que antecede a data especial comemorada no Brasil que é Dia de Finados. O Cemitério de Monte Pio há muito tempo necessita de cuidados, que de fato, precisam ser diários, para manter o espaço funerário adequado para a visita das famílias. Buracos, sujeira, mato tomando conta das sepulturas, árvore caída, raízes alcançando metros de extensão, quebrando as sepulturas com penetração de água das chuvas. Ou seja, um estado total de abandono que cada vez mais vem se agravando, é lamentável esse processo de deterioração.

A situação incomoda quem tem parente sepultado naquele espaço funerário. Segundo outros moradores que não quiseram se identificar, até pensam em reformar os túmulos, mas enquanto o aspecto geral do cemitério não melhora, eles acham que não vale tanto a pena.

Logo, o presente Trabalho de Conclusão de Curso traz a luz da comunidade acadêmica as relações entre percepção sensorial, memórias e paisagem no ambiente mortuário do povoado Monte Pio da região do Gama na cidade de Pinheiro-MA, é nele, memória viva no contexto de relacionar os sentidos de lembranças, não apenas daquelas pequenas vidas que partiram, mas, dentro de uma abordagem da fenomenologia permitindo debater sobre outras esferas que podem compor essa mesma relação e que fazem parte da experiência humana.

Nessa peculiar construção, a princípio, traz a luz para a existência de visibilidade histórica acerca do cemitério infantil daquela localidade. No Maranhão, esse espaço funerário, lugar único, mas, infelizmente, um lugar fadado ao esquecimento, o cemitério de Monte Pio, popularmente chamado de “*cemiterinho*”. Campo santo esse, hoje abandonado e sem qualquer vigilância, controle ou qualquer acompanhamento por parte do poder público, precisa-se em caráter de urgência de reforma, pois o cemitério é um lugar de encontros e memórias para reverenciar os mortos pelas suas qualidades, pela saudade que ficou, pelo respeito ou pelo amor que ainda paira na lembrança.

Assim, o cemitério de Monte Pio ou carinhosamente chamado de “*cemiterinho*” torna-se um lugar da memória, pois ali, cada epitáfio imaginário é uma imagem que enclausura um objeto de representação social e familiar e a presença dos parentes e amigos não só traz o significado do respeito e da religiosidade como também o da mudança que se opera em todos nós diante da inflexibilidade da morte. Logo, ele, o cemitério, torna-se também lugar de oração, culto e reflexão.

## REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **O Homem diante da morte**. v.1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- ARAÚJO, Op. Cit., p.36. [11] SCHMITT, Jean& Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- ARAÚJO, Thiago Nicolau de. **Túmulos celebrativos do Rio Grande do Sul: múltiplos olhares sobre o espaço cemiterial (1889 – 1930)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido Oculto dos Ritos Funerários: morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.
- BETTENCOURT, Estevão. O IBGE informa: religiosidade do povo brasileiro. In: PERGUNTE E RESPONDEREMOS, ano XLIV, n.496, Outubro de 2003, p.40- 42. Rio de Janeiro: Lúmen Christi, 2003
- BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém** (Ed. Revista). São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BÍBLIA, A. T. Provérbios. In: BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortes, 2009 (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental/ Coordenação: Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).
- BSATI - Jornal ALTO MADEIRA do dia 21/22 de outubro de 2007 / Blog Gente de Opinião.
- CHEMELLO, E. Aspectos científicos da mumificação. Química virtual, 2006. Disponível em: <[http://www.quimica.net/emiliano/artigos/2006nov\\_mumias.pdf](http://www.quimica.net/emiliano/artigos/2006nov_mumias.pdf)> Acesso em: 10 jan 2020, 26p.
- CHIAVENATO, Júlio José. **A morte: uma abordagem sócio-cultural**. São Paulo: Moderna, 1998.
- FARGETTE-VISSIÈRE, Séverine. **Os animados cemitérios medievais**. História Viva. 67 ed, p. 48-52, maio, 2009.
- FARIA, Sheila de Castro. **Viver e morrer no Brasil colônia**. São Paulo: Moderna, 1999.
- JORNAL ALTO MADEIRA do dia 21/22 de outubro de 2007.
- LABORINHO, E. As técnicas de mumificação no Egito antigo. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2003.

MONTANARI, C. A. A química medicinal na próxima década. *Química Nova*, v. 23, n. 1, p. 134-137, 2000.

MORAES, Nilson Alves. **Memória social**: solidariedade orgânica e disputas de sentido. In: GONDAR, Jô e DODEBEI, Vera. (Org.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade do Rio de Janeiro, 2005.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na História**: suas origens, transformações e perspectivas. Trad.: Neil R. da Silva. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.13.

NOGUEIRA, L. J.; MONTANARI, C. A.; DONNICI, C. L. Histórico da evolução da química medicinal e a importância da lipofilia: de Hipócrates e Galeno a Paracelsus e as contribuições de Overton e de Hansch. *Revista Virtual de Química*, v. 1, n. 3, p. 227-240, 2009

Rendu W, Beauval C, Crevecoeur I, Bayle P, Balzeau A, Bismuth T, Bourguignon L, Delfour G, Faivre J-P, Lacrampe-Cuyaubère F, Tavormina C, Todisco D, Turq A, Maureille B (2014) Evidence supporting an intentional Neanderthal burial at La Chapelle-aux-Saints. *Proc Natl Acad Sci USA* 111:81–86.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ROSA, Edna Terezinha da. A relações das áreas de cemitérios com o crescimento urbano. Dissertação (Mestrado em Geografia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003,112p.

SCHMITT, Jean Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

SOUZA, Líria Alves de. “Técnicas de mumificação”; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/quimica/tecnicasumumificação.htm>> Acesso em 12 jul 2022.

SPENCER, A.J. 1991, *Death in Ancient Egypt*, Londres, Penguin Books.

Google Maps: Disponível em:

<[https://www.google.com/maps/place/2%C2%B022'09.8%22S+45%C2%B000'24.2%22W/.](https://www.google.com/maps/place/2%C2%B022'09.8%22S+45%C2%B000'24.2%22W/)>

Acesso em: 25 jun 2022

AGUIAR, Lilian Maria Martins de. “A escrita do antigo Egito”; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-escrita-antigo-egito.htm>> Acesso em 05 jul 2022.

---

## ANEXOS

### ANEXO A

#### Roteiro de entrevista

(Entrevista com moradores)

- 1- Qual a data aproximada de fundação do cemitério infantil de Monte Pio?
- 2- Existe alguma cultura na região de Montepio em ter um local específico para sepultamento de crianças?
- 3- Qual a distância, localização geográfica e cartográfica do cemitério de Monte Pio?
- 4- Existem residências, pontos comerciais próximas ao cemitério?
- 5- Existe alguma informação a respeito do lençol freático, poços artesianos e cacimbas nas proximidades do cemitério de Monte Pio?
- 6- Há quanto tempo não se faz mais sepultamentos do cemitério de Monte Pio?
- 7- Há ainda há sepultamentos no local, como funciona o serviço de vigilância epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde de Pinheiro-MA?
- 8- O cemitério de Monte Pio possui licença ambiental?
- 9- A direção do cemitério de Monte Pio limitava e/ou limita o tempo exumação e sepultamento no mesmo jazigo respeitando o prazo de modo a evitar aglomeração e respeito às Leis sanitárias?
- 10- Como funciona ou funcionava a entrega da documentação da declaração de óbito para o cemitério de Monte Pio em Pinheiro-MA?
- 11- Há quantas sepulturas catalogadas no cemitério de Monte Pio?
- 12- Qual a faixa etária das crianças sepultadas do cemitério de Monte Pio?